O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 21 DE SETEMBRO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:504

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Recomposição, decomposição.—A farça das eleições.—Confrontos.—Comos somos governados.—Quem o viu... A questão de Braga.—Policia da ria.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Sobre negocios da Companhia do Nyassa.—Folhetim: Magdalena.—Protecção á mulher.—Noticias diversas.—Parte litteraria.—Carta de Lisboa.—Noticias do estrangeiro.

AVEIRO

Recomposição, decomposição

Anda por ahi ás rebatinhas a pasta dos negocios estrangeiros.

Na grave situação internacional em que nos achâmos, com seriissimos problemas de politica externa a resolver, e com tractados de commercio em vesperas de renovação, o governo só cuida de remendar-se com qualquer trapo, sem se importar do estofo nem da côr, comtanto que não pareça esburacado aos olhos dos que só vêem o manto com que encobrem as mazellas e podridões.

Esta despreoccupação imbecil de tudo o que interessa ao bem do estado, e esta criminosa [illegible] de mandar sem tom nem som, contra tudo e contra todos, só fiados na protecção do rei, ha de fatalmente arrastarnos á ultima desgraça e á suprema degradação.

Andam de porta em porta mendigando como esmola a acceitação d'uma pasta, e vão decerto entregal-a ao primeiro que lhes apparecer sufficientemente vaidoso e inepto para só ver os ouropeis da farda desconhecendo os perigos e os embaraços da situação.

Governo desacreditado e gasto, só com o appoio da imprevidencia e da preguiça d'uns, e do egoismo e da cobardia d'outros, suppõe fortalecer-se e acreditar-se fazendo chafurdar mais alguem na lama em que se subverte.

Pois engana-se. Ou não precisa de recompôr-se se conta com a illimitada e incondicional confiança de quem é cego e surdo aos rumores do vulcão que lhe ferve debaixo dos pés, ou precisa então de alguma cousa mais, que já ninguem n'estas alturas, por muito merito e maior prestigio que tenha, lhe póde dar.

Cremos que ninguem se presta ao ingratissimo papel de amparar por mais alguns dias esta odiosa situação. Seja quem fôr, ha-de ir envolto na mesma mortalha de immoralidades e desatinos á vala do desprezo publico, a que estão fatalmente condemnados esses despotas de papelão, postos por espantalho á republica na figueira da monarchia.

A farça das eleições

Annuncia-se para a semana proxima o apparecimento do decreto convocando os collegios eleitoraes á eleição de deputados no segundo domingo de novembro. Póde ser.

Para nós, os verdadeiros e leaes progressistas, dispostos, haja o que houver e apesar de tudo, a cumprir fielmente as deliberações do partido, e a executar as ordens do nosso honrado e prestigioso chefe, tanto nos importa que haja, como que não haja eleições. Não iremos á urna. Não nos prestaremos a ser comparsas ridiculos d'essa comedia de histriões. Não atraiçoaremos os interesses sagrados do nosso partido, a troco d'uma candidatura aviltante. Não nos cega a stulta vaidade d'um diploma, sujo pela lama pôdre de servís accorados.

Até já temos em nosso poder a lista dos progressistas que o governo vae mandar aos seus agentes que elejam pelo districto d'Aveiro. N'ella figuram alguns dos mais salientes vultos do nosso partido, e até amigos nossos pessoaes. E' o mesmo. Estamos absolutamente certos de que nenhum d'elles commetterá a indignidade de acceitar esse degradante favor ministerial. Eleitos por nós, pelo partido progressista, é que não serão. Não podemos, nem queremos elegel-os. Seja dito d'uma vez.

Confrontos

As *Novidades*, passando em revista, á sua moda já se vê, os acontecimentos de Portugal e Hespanha, faz o seguinte confronto, que é d'uma habilidade e d'uma felicidade consummadas:

> «O que se vê em Hespanha? Sempre que os republicanos se levantam a dar batalha, os partidos monarchicos abrem tregoas nas suas luctas, e fazem causa commum contra o inimigo commum, quer no poder estejam os progressistas quer os conservadores. O que se tem visto agora em Portugal? Os progressistas não só se colligam ostensivamente com os republicanos, mas parece que lhes reconhecem a supremacia da direcção e mando, como se revella de cem pequenos factos, da natureza dos dois, que deixamos assignalados, e já se evidenciou na questão da abstenção eleitoral, em que o partido progressista foi levado a reboque do decreto promulgado pelo directorio republicano.»

A folha governamental, que agora accusa os seus antigos alliados com a mesma facilidade com que n'outros tempos accusava o rei e os ministros regeneradores, é menos verdadeira no que affirma. Os progressistas não se colligaram com os republicanos para atacar a corôa, nem lhes reconheceram supremacia no mando. Deffenderam com aquelles as liberdades, que o pacto do throno com os governantes esmagou. Apenas isto. A cobardia e a mentira é que pretenderam aproveitar o facto para inventar a calumnia. Tem percebido?

Mas suponhamos que effectivamente se déra tal colligação ostensiva, não deu a corôa o exemplo alliando-se ao governo para ferir o partido a quem as instituições mais devem? Damos-lhe um doce se conseguir provar a alguem o contrario do que dizemos.

Pois se se não tivesse sahido da legalidade, era preciso combater o arbitrio contra que os progressistas se ergueram? Pois se tivesse havido a lealdade que o dever impõe aos que a esqueceram, teria isto seguido o caminho que leva? Responda a vestal das *Novidades*.

Como somos governados

O *Tempo* de hontem, dá as seguintes preciosas informações para a historia gloriosa d'este glorioso governo que nos dirije:

> «Mais provas do *desgoverno* official: Um dos navios ultimamente construidos em In[illegible] antoniano, foi encontrado com as chapas do costado inutilisadas. Em Itule, na Africa Oriental, existe exposto ás intemperies um apparelho de sondagem, que custou doze contos de réis. E para cumulo de boa administração e dos cuidados que ao evangelico gabinete merecem os defensores da patria, temos que os soldados regressados doentes d'Africa não podem seguir para as terras das suas naturalidades, porque o governo *lhes deve* seis quinzenas, isto é, *tres mezes de pret*! Os *benemeritos* dos soldos positivos no orçamento, não fazem senão calotear! Simplesmente vergonhoso!»

Ponha o povo os olhos n'este quadro, que é apenas uma diminuta parcella das grandes operações de administração do governo d'el-rei.

Quem os viu......

Os que, em tempos que lá vão já, pretendiam escalar o poder aos hombros da revolução, que então se fazia apenas ao seu cerebro enfermo, escrevem hoje, todos cheios da sua prosapia e da sua subserviencia crapulosa:

> «Os colligados da republica não podem ser os auxiliares e servidores da monarchia. No paço, na moradia do chefe do estado, em qualquer paiz, seja qual fôr o regimen politico vigente, não se entra de *chapeu na cabeça*, como essa opposição ameaça de entrar no dia, em que o poder lhe pertença. O pomo da discordia foi a dissolução das côrtes; e essa divergencia tomou para a opposição o caracter d'uma birra, que basta para qualificar a estreiteza das suas vistas e das suas resoluções. Se fosse ao poder, conforme o apregoam os seus arautos, não deixaria pedra sobre pedra, começando por convocar as côrtes dissolvidas, como se constitucionalmente ainda existissem, e annullando n'um só decreto todos os decretos, que depois d'isso foram promulgados!
>
> ....
>
> Esta necessidade é tão inflexivel, que, se em vez de ter morrido um ministro tivessem morrido todos, e com elles todos os seus amigos politicos, a opposição intransigente nem por isso estaria mais proxima do poder, emquanto houvesse seis sargentos e um alferes da guarda municipal, que o exercessem contra a desordem na administração e a anarchia na politica, que essa opposição promette.»

Uma outra folha, tractando da recomposição ministerial, diz:

> «Dava-se hoje como certa a entrada do sr. Luiz Soveral, nosso ministro em Londres, para a pasta dos estrangeiros. Diz-se que na conferencia que o sr. Hintez Ribeiro teve hontem com o sr. ministro de Inglaterra, se tratou da ida do sr. Emygdio Navarro, como nosso representante para Londres.»

Esta simples noticia, explica perfeitamente o palavriado balofo acima transcripto. Questão de estomago, apenas. O' miseria, a quanto obrigas!...

A questão de Braga

A celebrada questão de Braga tem ainda, ao que se vê, muito que dar.

Começando pela burla eleitoral a que o governador civil quiz chamar eleição, que o Supremo Tribunal Administrativo justissimamente annulou, acaba agora o juiz auditor de metter de novo o nariz no caso, mandando suspender a eleição da nova meza.

Isto toca as raias do arbitrio e do despotismo. Mas porque os exemplos veem de cima, porque o governo é o primeiro a infringir as leis, os seus delegados e amigos julgam-se tambem no direito de proceder de egual modo. Quando se varrerá tudo isso que nos governa para o cesto dos papeis velhos?

Policia da ria

Não conseguimos ainda prender a um dos mais importantes assumptos da sua jurisdicção fiscal, naturalmente porque sua ex.ª a tem votado a outros de não menor importancia, a attenção do sr. capitão do porto.

Fazemos-lhe a justiça de crer que é assim, antes que nos capacitemos de que ha n'isto um imperdoavel descuido, improprio da sua boa razão e da actividade e zelo por sua ex.ª empregados no desempenho das suas funcções.

Tem a capitania a seu cargo a policia d'uma parte da ria e dos caes da cidade. N'estes, mas principalmente entre as pontes da Dubadoira e do Côjo, costumam os carregadores de varias mercadorias aglomerar por tal fórma os barcos—enormes tumbas de sal, que são a desgraça dos marnotos e proprietarios de marinhas—que se torna difficil, senão perigosa, a passagem alli. Assistimos já a alguns desastres occasionados por tal ajuntamento, e do ultimo dissémos ainda ha dias, pedindo ao illustre official de marinha as necessarias providencias, que até agora se não deram.

Mais uma vez, portanto, voltamos ao assumpto, e oxalá se não torne necessario repetir a lembrança. Os carregadores pódem muito bem acomodar-se n'outros pontos, á distancia conveniente para que lhes não falte a agua na sahida, mas deixando larga passagem para quem tem de ir por alli.

Mais rasoavel, mais acertado e mais comodo, é ainda muito mais util e agradavel á vista de todos. Os saleiros, perfeitos *couraçados* gigantescos, ficam melhor dois a dois, de ambos os lados dos caes, sem o menor perigo de falta de agua nas vasantes. Teem para isso uma grande extensão. Mas estão de ha muito costumados áquella arbitrariedade, e porque teem na capitania um auxiliar famozo para o abuso, continuam, com grave prejuizo d'esta secção hydraulica, o sr. Mello de Mattos, tem ordenado precisamente o que é mister fazer-se, como foi na occasião da vinda do sr. conselheiro Bernardino Machado a esta cidade, e outras, mas o cabo de mar, a quem acima nos referimos, diz aos barqueiros que a hydraulica não tem alli jurisdicção, que a capitania, unica policia dos caes, os não força ao que era justo e rasoavel, e elles continuam. Deu-se isso ainda ha pouco; e, porque nem é correcto nem digno tal procedimeto, não irá fóra de proposito uma reprehensão, que se torna cada vez mais necessaria.

Confiamos em que o sr. Mendes Leite providenciará como lhe cumpre, e muito folgaremos com que nos dê occasião de louval-o.

CARTA DE LISBOA

20 DE SETEMBRO DE 1895.

«Um ministro! Procura-se um ministro para a pasta dos estrangeiros! Quem sabe ahi d'um cidadão disponivel, sem modo de vida, apto para o cargo, que queira e possa acompanhar a charola ministerial, de camaradagem com o sr. Franco, Hintze & C.ª, nos tristes dias ultimos da tenebrosa vida governativa d'este velho paiz depauperado? Quem lembra um nome, uma chancella facil para os derradeiros negocios d'esta fallida massa commercial? E' preciso um homem; quem o encontra? Está em arrematação o logar. Quem quer habilitar-se?»

Mais umas phrases pomposas, e eis o que de ha dias se annuncia pelas ruas da capital, nas esquinas, nos cafés, nos bilhares, nas escuras viellas de Alfama, á porta dos ministerios, em todos os bordeis da velha cidade de marmore e de granito.

Não apparece, no entretanto, quem queira a prenda. «Com tal gente, nem para o céu», dizem moços e velhos regeneradores, e o caso é que nem para remendo se encontra já coisa que sirva. Bateram a dezenas de portas; não houve uma que se lhes abrisse, todas se lhes fecharam na cara. Por ultimo, á falta de gente, fallou-se ao sr. Bucage, filho, e ao sr. Luiz de Soveral. Nunca o poder desceu tão baixo. O governo quer ficar, e para isso vae até ás ultimas baixezas. E' vêr isto, o que deixo dito: fallou-se até no sr. Bucage, filho, e ao sr. Luiz de Sovral!...

Sobre eleições, activam-se os trabalhos para lograr convencer o illustre chefe do partido progressista a entrar na lucta. Até o paço entrou já na questão. Foi encarregado alguem que muito bem conhecemos de fallar ao sr. conselheiro José Luciano n'esse sentido.

E' a ultima instancia para que appellam, e porque sabem que Aveiro é um baluarte inexpugnavel, propõem por ahi o sr. Francisco Mattoso, Francisco Beirão, Ressano Garcia, Elvino de Brito, José d'Alpoim e Albano de Mello. Mas quem auctorisou o governo a tanto? Ninguem lhe acceita favores; ninguem lh'os quer no partido progressista. E ai dos que os acceitarem, porque cahirá sobre elles o anathema de todos.

Conseguir que o partido progressista vá á urna, é tudo para o governo. Que assim o comprehendam todos bem, porque muitos desertariam das suas fileiras se por ventura se obrasse differentemente do que se resolveu na grande reunião do partido em Lisboa. Que todos o comprehendam bem, e que cada um peze bem as responsabilidades que assumir.

Fallava-se hoje insistentemente na exoneração mandada telegraphicamente ao sr. visconde de Villa Nova de Ourem, do cargo de governador geral da India. O sr. ministro da marinha, com a falta de tacto administrativo que o distingue, é de molde a exercer sobre as auctoridades as violencias que o seu caracter irrascivel, a mãos largas tem distribuido pelos seus camaradas da armada.

A conservação do governador geral da India é na verdade insustentavel, desde que, por imposições ou insinuações do sr. ministro da marinha, se viu obrigado a praticar actos e despropositos, que á sua propria consciencia certamente repugnam.

A despotica e arbitraria dissolução da camara municipal das ilhas, em Nova-Goa, fazendo-a substituir por uma commissão administrativa, presidida pelo sr. visconde de Mahem, intimamente ligado a certas influencias, que dominam o sr. Ferreira d'Almeida, não é decerto estranha á exoneração d'aquelle alto funccionario, que é aliás um official brioso e digno.

A vingança campeia, altaneira na politica indigena, depois de ter feito varias cambalhotas, e produzido diversos estragos na briosa corporação da nossa armada. Esta é mais uma.

Quanto ás reluctancias das forças indianas para embarcar para Lourenço Marques, constituidas de marathas, sei que esses homens não se recusam a partir; não querem, porém, ir com o soldo que vencem na India (9 rupias), mas sim com tarifas eguaes áquellas que tiveram os mesmos soldados marathas quando partiram para a Zambezia. Parece que o governo da metro[illegible] mas se não importou com isso como se não importa com coisa alguma, vae attender a essa reclamação, devendo, portanto, desapparecer as referidas reluctancias.

Eis os assumptos de que se occupou hoje, segundo me dizem agora, o conselho de ministros: escolha do novo ministro dos estrangeiros; pescarias no Algarve; eleições; pedido de nova emissão de obrigações da Companhia Agricola de S. Thomé; reformas dos quadros da armada e da Escola Naval etc.

— El-rei chegou hontem a Lisboa á hora annunciada, estando na estação a officialidade da guarnição e da armada, e alguns empregados civis superiores. S. m. foi para o paço das Necessidades e depois de almoçar dirigiu-se, á 1 hora da tarde, em comboyo expresso, para Cintra, d'onde foi para Cascaes com a rainha.

—Referia-se hoje a imprensa d'aqui a mais uma posta para amigos, arranjada á ultima hora pelo ministerio da fazenda, para um funccionario dependente do ministerio da justiça. Trata-se do sr. Mascarenhas Gaivão, bacharel em direito, delegado em S. Thiago de Cacem, e além de tudo isto creatura muito querida dos regeneradores. N'estes termos o sr. Gaivão, foi requesitado pelo ministerio da fazenda ao da justiça, para desempenhar em commissão o logar de «advogado privativo e assessôr jurisperito junto da Caixa Geral dos Depositos». Uma coisa comprida, bonita e especialmente rendosa. E' inutil accrescentar que o novo «advogado privativo e accessôr» não perde os seus direitos no quadro da magistratura judicial, visto que faz o penoso sacrificio de sair de S. Thiago de Cacem para Lisboa, em nome da patria e para salvação da mesma.

— O annunciado conselho de ministros realisou-se, com effeito, esta tarde, na secretaria da fazenda. Começou á 1,30 e acabou depois das 4 e meia. Fallou-se largamente sobre os negocios da India e de Lourenço Marques e sobre esta possessão apparecem ámanhã no *Diario* «pomposas noticias». Da India ha telegrammas de que os «fugidos» são 290. Não se tratou da reforma dos quadros da armada.

— Deram hoje alguns jornaes da manhã a noticia de que foram approvados como candidatos a deputados nas proximas eleições, pela commissão executiva do chamado *partido nacional*, os srs. general Miguel Gomes d'Almeida, coronel Frederico Augusto d'Almeida Pinheiro, commandante de lanceiros 1, dr. Barbosa Leão, dr. Ferreira Moutinho, Julio Mario Vianna, Augusto Fuschini e conego Albino Nunes. Hão de ir longe.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Tem continuado a melhorar dos seus incommodos o digno par do reino, sr. Casimiro Barreto Ferraz Sachetti.

— Partiu para Penacova o sr. Luiz da Silva Mello Guimarães, recebedor d'aquella comarca.

— Tem estado na sua casa de Cacia o nosso bom amigo, sr. dr. Manuel Nunes da Silva, delegado do procurador régio na comarca de Barcellos.

— Tambem aqui esteve, visitando a Barra e outros pontos, o illustre escriptor, sr. Ramalho Ortigão.

— Peorou dos seus incommodos, achando-se gravemente enferma, em Estarreja, a esposa do sr. Antonio Augusto Soares d'Albergaria. Fazemos votos pelos seus allivios.

— Chegaram á casa da Fontinha, vindas da capital do Minho, as srs.as D. Rita e D. Henriqueta Barboza Sotto Maior, irmãs do nosso respeitavel amigo, sr. Francisco Barboza Sotto Maior.

— A sr.ª D. Olinda Villas Boas, presada esposa do nosso estimavel amigo, sr. dr. Luiz Pereira do Valle Junior, dignissimo juiz de direito da comarca de Castello de Paiva, já teve o seu feliz bom successo, dando á luz um robusto menino. Os nossos parabens.

— Partiu hontem para a Covilhã o nosso amigo, sr. Mario Duarte, distincto *sportman*, que vae alli assistir a uma tourada, tomando parte n'ella como amador, que é deveras apreciavel.

— Regressou das suas digressões pelo districto, o nosso apreciavel amigo e distincto collaborador, sr. João Augusto Marques Gomes.

— Esteve na quarta-feira n'esta cidade, como dissémos, o distincto escriptor e eminente critico de arte, sr. Ramalho Ortigão. S. ex.ª visitou tudo que em Aveiro ha digno de ver-se, seguindo no dia seguinte para o Bussaco com o nosso collega, sr. Marques Gomes.

Thermas e praias.—Chegou ha dias á Barra, onde vem passar o presente mez, o sr. Alvaro Machado, recebedor da comarca d'Abrantes, com sua ex.ma familia.

— Esteve alli ha dias, de visita a sua familia, o nosso amigo, sr. David José de Pinho.

— Regressou da mesma praia á sua casa d'esta cidade, com sua familia, o sr. João Pedro de M. [illegible]

— Regressou tambem d'alli a esta [illegible]gueiredo.

— Regresssou de Vizella a Oliveira d'Azemeis, o nosso amigo sr. dr. Francisco Albano Amador P. Valente.

— Partiram para Espinho os srs. Eduardo Caldeira e Luiz de Mello.

— Foi para Tondella o sr. dr. Vicente Ferreira dos Santos.

— Da praia do Furadouro regressou já á sua casa de Estarreja, o sr. Francisco Barboza Falcão.

— Estão na Torreira a sr.ª D. Maria Augusta de Castro e seus filhos.

Cavallaria 10.—Vem effectivamente commandar o regimento aquartellado n'esta cidade, o coronel, sr. Francisco José de Andrade.

— Regressou já ao quartel o esquadrão de cavallaria que no ultimo sabbado havia sahido d'Aveiro para as decantadas manobras.

— Quando d'aqui sahia, ha dias, o esquadrão de cavallaria que foi a Celorico da Beira, morreu um cavallo de desastre, no caminho de ferro.

Fallecimento.—Victima d'uma congestão cerebral fulminante, falleceu ha dias em Oliveira d'Azemeis, o sr. Francisco José da Silva Praça, sogro do sr. Antonio José Ferreira, administrador do nosso presado collega, *O Jornal do Povo*. O sr. Praça era um digno commerciante d'aquella praça, dotado d'um caracter honesto e bom.

Acompanhamos na sua dôr toda a familia do finado.

Outro.—Falleceu na quarta-feira no Collegio de Santa Joanna, d'esta cidade, a irmã Maria de S. Raymundo. Era natural da Irlanda, d'onde viera ha annos para o collegio de S. Domingos de Bemfica, em Lisboa, e ahi tomara o habito de Terceira de S. Domingos. Atacada por uma doença cruel, veio para Aveiro procurar na mudança d'ares alivio aos seus padecimentos. Foram baldados os esforços da sciencia e os cuidados das suas virtuosas irmãs, companheiras do claustro.

A sua morte foi a d'um justo.

Depositado o cadaver no côro de baixo, foi d'alli conduzido á mão pelas irmãs leigas até á porta da egreja, acompanhado por toda a communidade e educandas. Havia lagrimas em todos os olhos e o ultimo adeus foi um grande arranco de angustia.

Ao enterro, que foi modesto, mas muito decente, assistiram além de differentes ecclesiasticos, o sr. arcypreste da cidade, rev.° sr. Manuel Ferreira Pinto de Souza.

Era uma senhora nova, de raras qualidades de coração e de espirito.

Outro.—Falleceu em Agueda a sr.ª D. Gestrudes Carolina de Macedo da Camara Pinto e Barros, que era talvez, diz um nosso collega d'alli, a pessoa mais velha d'aquella villa. Nasceu no dia 24 de agosto de 1797, e tinha por isso 98 annos de idade. Tinha ainda perfeitas e apuradas todas as suas faculdades mentaes. Nunca tomou remedio algum. Morreu de uma gastre-interite. Enviamos pezames a todos os seus.

A esposa de Camillo. Um telegramma de Villa Nova de Famalicão, diz-nos que falleceu hontem em S. Miguel de Seide, a sr.ª viscondessa de Correia Botelho, viuva do grande romancista Camillo Castello Branco. O seu cadaver vae hoje para o jazigo, no cemiterio d'aquella villa, acompanhado de seu filho o sr. visconde de S. Miguel de Seide, a quem enviamos sentidos pezames.

A' policia.—E' habito do mulherio da nossa beira-mar, insultar-se, esgadanhar-se, crivar-se de insultos e de bordoada rija, todas as manhãs, no adro fronteiro á casa de administração e typographia do nosso jornal, largo por onde passam dezenas de pessoas a cada instante. A desmoralisação chega até ao ponto de se proferirem e fazerem verdadeiras obscenidades, que á policia cumpre impedir por todas as fórmas,

Que se destaque para alli um guarda, que bem necessario é.

Lyceu de Aveiro.—Reuniu no sabbado passado o conselho do lyceu, para resolver sobre os jurys dos exames em outubro.

O praso para a admissão de requerimentos dos estudantes que pretendam fazer exame n'esta 2.ª epoca, no proximo mez d'outubro, terminou já em 10 do corrente.

Para os que pretendem matricular-se no novo anno lectivo, devem os requerimentos ser presentes na secretaria do mesmo lyceu até 25 do corrente. Foi para isso, como é praxe, affixado um edital n'aquelle edificio.

Escola Industrial de Aveiro.—Conforme o annuncio que hoje publicamos na respectiva secção, está já aberta a matricula para os cursos da escola de desenho industrial d'esta cidade. O praso marcado, vae do dia 20 a 29, das 11 horas da manhã ás 3 da tarde e das 6 ás 9 da noite.

Senhora d'Ajuda.—A' manhã verifica-se na afamada praia d'Espinho a custumada e pomposa festividade em honra d'aquella Virgem, com funcção d'egreja e [illegible] grande arraial [illegible] ir cheios de romeiros. Ha tambem tou[illegible] varios outros divertimentos.

Os alumnos da secção *Barbosa de Magalhães*, que alli tem tido um excellente e coloroso acolhimento, apresentam-se ámanhã todos equipados e armados, o que deve despertar vivo enthusiasmo entre os banhistas.

Bazar.—Começamos hoje a publicar a lista dos objectos até hoje recebidos para o bazar, que deve realisar-se em breve, no jardim publico da cidade, em favor da philarmonica *Aveirense*, e os nomes dos offerentes:

Duarte Ferreira Pinto Basto, 1 par de vasos de porcelana para plantas; Firmino Fernandes, um quadro com o retrato de José Estevão, com moldura dourada; D. Maria Ignez C. Duff, um calendario illustrado, duas caixas de papel de fantasia, uma caixa de papel lizo, uma pasta de setim azul e branco com pintura a oleo, e um cromo da Rainha Santa Izabel; Antonio dos Santos Ferreira, duas garrafas de vinho fino; José d'Almeida dos Reis, seis garrafas de vinho fino; dr. Manuel Massa, um par de jarras douradas; Julio d'Almeida Sertelleiro, um album para estampilhas; Francisco Ferreira da Maia, duas bilhas para agua; João Marques d'Almeida, uma garrafa de vinho fino e uma chavena e pires dourados; D. Leopoldina A. Santhiago Melicio, um cinzeiro de porcelana com uma nota de 500 reis pintada; João Baptista, uma garrafa de vinho fino; Antonio da Silva Pereira, uma bilha com prato, para agua, da fabrica de Barcellos; Antonio da Cruz, um par de jarras de vidro e um Santo Antonio de porcelana; Eliza de Jezus, uma cartonagem de seda, uma caixa com tres sabonetes finos e uma caixa com uma chavena e pires dourados; Luiz Henriques, dois bonecos de borracha, cinco bonecos pequenos, um espelho guarnecido d'arame, dois americanos a vapor, um passepartou para retrato, e cinco frasquinhos d'agua de colonia; D. Amelia Freire d'Albuquerque, um par de castiçaes de vidro e dois cinzeiros de faiança; José da Cunha, um bahú de folha, purpurinado de amarello; João Pinto Evangelista, uma garrafa com flores artificiaes; Francisco Cazimiro, duas garrafas de vinho fino; Pedro Moreira, um galheteiro de platina com garrafas, pimenteiro e saleiro de crystal; Zacarias dos Santos Silva, quatro caixilhos com estampas representando as quatro estações do anno; João da Silva Moraes, uma garrafa e copo de vidro, para quarto; Luiz Francisco Sergio, uma phosphoreira em forma de bota; Maria Alberta, um par de vazinhos de porcelana; Emma, filha de José Coelho, dois vidros com agua de cheiro, tres cestos de fio, uma estampa a oleo, e tres chavenas e pires, pintadas e douradas.

Diversão.—Consta que ámanhã de tarde tocará na praia do pharol da Barra d'esta cidade a phylarmonica *Amizade*.

Regata.—Consta que no fim do mez corrente ou no principio do que vem, se effectuará uma regata na formosa bacia da Costa Nova do Prado.

Ponte do Antuã.—Continua a ameaçar ruina a ponte do Antuã, que é sem duvida a de maior transito que conhecemos no districto. Cumpre ao sr. director das obras publicas do districto providenciar sobre o caso, mas com urgencia, que é bem necessaria.

Outra.—Pela direcção das obras publicas d'este districto recebem-se propostas para a construcção d'uma ponte sobre o rio Vouga, junto ao logar da Fontinha, do concelho de Estarreja, sem subsidio do Estado, ficando a exploração por conta do concessionario por tempo não superior a cincoenta annos. O projecto está patente na secretaria das obras publicas, d'esta cidade.

Vizitantes.—Esta cidade, que gosa da justificada fama de fada do Vouga, tem sido muito vizitada de forasteiros, que vem aqui disfructar os seus bellos panoramas campestres e maritimos, e vizitar os seus edificios.

Vinhas americanas.—Chamamos a attenção dos leitores para o annuncio que, na respectiva secção, publicamos hoje sobre vinhas americanas.

Trovoada.—Nunca a vimos maior, tão intensa, tão prolongada e tão temivel. Foi na manhã de ante-hontem, e levou a passar por sobre nós das 8 ás 11 da manhã. Não causou desgraças aqui, felizmente, mas fez estragos de vulto. Despedaçou claraboias e beiraes, destruiu plantações, derribou arvores, e terminou por completo com a safra do sal.

Nas povoações ruraes fez algumas victimas, matando um homem, cegando um rapaz e fulminando uma junta de bois Diz-se tambem que cahiu uma faisca na ria, assombrando um pobre pescador, que estava n'uma bateira.

No pára-raios do edificio da Caixa Economica fez-se uma descarga valente, que alarmou a cidade inteira. Fendeu-lhe a claraboiá, levou-lhe pedaços de vidros, mas não fez peior mal. Cahiu tambem uma faisca no pára-raios da casa de moagens do sr. Manuel [illegible] de protecção.

Nas praias do nosso littoral, segundo communicações que d'alli temos, foi simplesmente horrorosa. Não ha memoria de coisa sequer parecida. Choveu torrencialmente. Parecia o diluvio, diz-nos um velho pescador que lá estava. Aqui cahiu pouca agua; ainda assim, ruas houve em que o transito se tornava difficil sem perigo de encharcar a valer. O resto do dia passou nubloso e feio, mas a trovoada não voltou.

Fez-se de novo ouvir hontem de tarde e pela noite, mas felizmente a distancia. O céu tomou a côr lugubre dos dias de maior tormenta.

Deus affaste depressa o mal, que tantos prejuizos causa.

Fogo em palha. — Na quarta-feira ultima manifestou-se fogo n'uma porção de palha que o sr. João Camarão, de Sá, tinha proximo á casa da sua habitação. Com o alarme produzido pela visinhança, tocaram os sinos, saindo a prestante companhia dos bombeiros voluntarios, mas o incendio terminava com alguns canecos d'agua, pelo que não foram necessarios os seus soccorros.

Batalha do Bussaco.—Realisa-se ámanhã no Bussaco, a festa commemorativa da batalha contra os francezes. Devem assistir os srs. bispo-conde e general Cascaés.

Arrematação.—No dia 9 de outubro proximo futuro, vão á praça no governo civil d'este districto 18 fóros, pertencentes á confraria do Santissimo e Almas d'Ilhavo, impostos em bens sitos n'este concelho e no d'Aveiro. E mais 26 fóros, pertencentes á mesma irmandade e impostos em bens do dito concelho d'Ilhavo.

Feira.—Esteve pouco corrida a feira mensal de Santo Amaro. Poucas transacções e pouco gado. Todo o mais negocio, paralysado.

Pesca.—Tem sido pouco abundante a pesca de sardinha na costa da Torreira. A ultima que alli se tem pescado, tem-se vendido a quatro e cinco por um vintem, e note-se que não é sardinha graúda. De outros pontos dizem o mesmo.

Vindimas. — Contam d'Agueda que vão muito adiantadas as vindimas n'aquelle concelho. A producção é superior á do anno findo, pelo que os lavradores estão satisfeitos.

Tambem se faz actualmente alli a colheita dos milhos dos campos, colheita que nada deixa a desejar.

«O Tiro Civil».—Publicou-se o n.° 29 d'este interessante jornal, cujo summario é o seguinte:

Cartas ácerca das espingardas de caça, por *N. Gonçalves*.—Carreira de tiro.—Algumas palavras sobre esgrima, por *J. P.*—Codornizes, por *Baptista de Sá*.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—A caça.—Alvo electrico automatico.—Boa partida, por *Baptista de Sá*.—Legislação sobre pesca: regulamento geral dos serviços aquicolas.—Um *tavolazzo* no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.—Annuncios.

Redacção e administração, rua Ivens, n.° 35, Lisboa.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

Manuel José de Carvalho, apresentado na egreja de S. Cosme e Damião de Podam, concelho de Monsão, diocese de Beja.

José Maria da Silva Cardoso Castellão, apresentado na egreja de S. Miguel de Lagioso, concelho de Tondella, diocese de Vizeu.

Despachos de correios.—Verificaram-se os seguintes:

José Julio Soares Conceiro, 2.° official dos quadros dos correios de Lisboa e Porto, promovido por concurso a 1.° official do mesmo quadro, e collocado na estação central do Porto.

João Emilio Zedo, 1.° aspirante do quadro dos correios de Lisboa e Porto, promovido por concurso ao logar de 2.° official do mesmo quadro.

João Ferreira Guedes, nomeado encarregado gratuito da estação do Oureiro, concelho de Peso da Regoa.

Aniceto Ferreira Roberto, nomeado encarregado gratuito da estação de Abitureiras, concelho de Santarem.

SOBRE NEGOCIOS DA COMPANHIA DO NYASSA

(Continuação.)

Depois do drama cheio de embuscadas e de assaltos em que se apanham 6:500 libras sterlinas, vem a farça da presidencia do sr. Arroyo.

Em 26 de janeiro, o sr. Arroyo por considerações de ordem politica, segundo este conspicuo e verboso estadista dizia, apresentou ao findar a sessão uma carta dirigida aos seus collegas então presentes, em que dava a sua demissão de administrador da companhia do Nyassa. A razão porque o sr. Arroyo insistiu em sair da companhia era o receio de que se viesse a fechar o contracto com Campbell em que ao emprestimo de 65:000 L ficasse presa a concessão, e que, não podendo ser pagas essas 65:000 L no praso, então de dois annos, a companhia podesse ser executada e os prestamistas entrassem na posse da concessão, o que constituiria um desastre nacional, visto como os inglezes já tinham preponderancia nas outras companhias da provincia de Moçambique, e elle não se podia esquecer de que fôra o ministro da marinha do gabinete levado ao poder pelos acontecimentos provocados pelo *ultimatum* de 11 de janeiro. Dizia sua ex.ª que tinha um nome n'este paiz, conquistado, não pelos seus merecimentos intellectuaes, mas pela sua honestidade. Insistindo, pois sua ex.ª na sua demissão, passaram-se as coisas como são narradas no protesto publico do sr. Mitchell, annexo á acta de 20 de abril (documento n.º 20).

O sr. Mitchell, como secretario, escreveu no dia 26 de janeiro a carta ao conselho fiscal, communicando a resolução do sr. Arroyo e pedindo, em nome do conselho de administração, que fosse preenchida a vaga de administrador deixada pelo sr. Arroyo (docu- acta do conselho de administração de 28 de janeiro, quando diz que o conselho de administração havia communicado ao conselho fiscal a necessidade de preencher a vaga, e vê-se, por essa mesma acta, que o conselho fiscal d'esse dia 28 (documento n.º 22), que o sr. Almeida d'Eça, preenchera a vaga deixada pelo sr. Arroyo; portanto, este senhor, não podia ser eleito presidente porque já não era administrador n'esse dia.

A acta do conselho fiscal de 21 de março, publicada pelos srs. Sarrea Prato e Paulo Chaves, tambem diz que o sr. Eça fôra nomeado para preencher a vaga deixada pelo sr. Arroyo. D'isto se conclue que a carta do sr. Mitchell, communicando ao conselho fiscal a saida do sr. Arroyo, era a expressão da verdade e que, tendo entrado para o conselho de administração o sr. Eça, o sr. Arroyo ficava inhibido de funccionar como administrador até que a assembleia geral se pronunciasse sobre o caso, e em todas as circumstancias nunca poderia funccionar juntamente com o sr. Eça, porque este entrára para substituir aquelle.

A fórma pouco logica e contradictoria porque está redigida a acta do conselho de administração de 28 de janeiro, e omissão existente na acta anterior, que nada diz sobre a apresentação da demissão do sr. Arroyo, facto que apesar de tudo não acreditamos que o sr. Arroyo negue, quando sob juramento e sob a sua palavra d'honra fôr chamado a depôr sobre o caso, e ainda a omissão provada na acta de 19 de janeiro, ácerca da honrada declaração do sr. Pedro Victor sobre as mil acções que Wilson lhe offerecera, tudo isto, em summa, nos revela que as actas eram trasladadas para o livro de fórma a não fazer fé. Era intencional esta fórma? Opportunamente e nos tribunaes e á vista de documentos a que essas actas se referem, se apurará o seu verdadeiro valor.

Diz-se na mesma acta de 28 de janeiro, do conselho de administração, que fôra communicado ao conselho fiscal que o sr. visconde d'Asseca fôra eleito vice-presidente. Ora, esta communicação existe e será apresentada no tribunal para provar mais uma omissão que tornou abstrusa a sua redacção. Mas esta communicação não seria necessaria se o sr. Arroyo continuasse a presidir, porquanto, s. ex.ª o sr. Arroyo não se ausentára de Lisboa e tanto que n'esse dia 28 assistiu á tarde, a um conselho de administração na Companhia do Gaz como deve constar das actas da dita companhia.

Depois é certo que o sr. Arroyo nunca mais se occupou de negocios da companhia do Nyassa, e que desde 26 de janeiro até 13 de março em que reapparece ao lado do sr. Merck, todos os negocios da Companhia foram tratados sobre a presidencia do visconde de Asseca, muitas vezes por convites do sr. Centeno para casa do dito visconde (documentos 23 a 25), e é certo, que o sr. Arroyo não se ausentou de Lisboa durante essa época; e não é de crer tambem que, tratando-se de assumptos tão importantes, se o sr. Arroyo fosse administrador, não assistisse a essas reuniões.

O proprio commissario regio, que tambem tem um nome politico, em vista da resolução do sr. Arroyo, tambem queria dar a sua demissão, apesar de se lhe observar que as conversas com Campbelle a nada nos obrigavam ainda, e que talvez se encontrasse meio de resolver as difficuldades da companhia, sem se correrem os perigos politicos que suas ex.as receiavam.

Sobre a utilidade da permanencia do sr. commissario regio na companhia, trocou este com o visconde de Asseca cartas em que se refere á deliberação tomada pelo sr. Arroyo e tão claramente á natureza d'esta que, quando se levantou o conflicto, o visconde d'Asseca pediu ao sr. Pedro Victor licença para publicar uma d'essas cartas a fim de esclarecer o assumpto, e o sr. Pedro Victor recusou tal permissão.

Por ultimo, quer o sr. Luciano Monteiro que o mesmo sr. Coelho de Carvalho tenha reconhecido a presidencia continua do sr. Arroyo; e isto pelo facto de se dizer nas actas das sessões do conselho de administração de 28, 29 e 30 de janeiro e 2 de fevereiro, que o sr. Coelho estava presente a essas sessões. Mas isto é que é forçar a nota! Estas sessões foram presididas pelo visconde de Asseca:—logo, conclue o sr. Monteiro, *in petto*, que, onde estava sentado o visconde de Asseca, devia o sr. Coelho de Carvalho ter a illusão de ver o sr. Arroyo...

Ora a verdade é que o sr. Coelho de Carvalho estava tão certo de que o sr. Arroyo tinha deixado de ser administrador ço, dizia de Paris. 26 de janeiro que, em *ser director*... (Doc. n.º 26).

Este telegramma que é confidencial, mostra bem como o sr. Coelho de Carvalho estava convencido de que o sr. Arroyo tinha saido da administração.

E', pois, claro e positivo, que o sr. Arroyo deixou de ser administrador da companhia em 26 de janeiro.

*

Outro ponto insidiosamente allegado para mostrar a conformidade de opiniões do visconde de Asseca, Proença Vieira, Mitchell e Coelho de Carvalho com os srs. Centeno e Arroyo, é o que se refere ao reconhecimento do credito a favor de Wilson, de Libras 39:335,55, dizendo-se que na sessão de 26 de janeiro este credito foi por unanimidade approvado.

Não é assim.

O visconde d'Asseca e os seus amigos approvaram que se reconhecesse o credito de Wilson contra a companhia, mas mediante verificação d'esse credito, antes de se lhe satisfazer em qualquer pagamento. Nem podiam deixar de proceder assim, porque é certo que na 2.ª sessão do conselho de administração foi estabelecido que Wilson ou Hume fariam todas as despezas necessarias com as expedições em Africa, reconhecimento de jazigos mineraes, etc., e que o pagamento d'essas despezas não podia ser exigido senão depois de se fazer a emissão a que se ia proceder.

Ora, apesar d'esta especie de contracto ter sido feito com um administrador da companhia, era justificavel, dadas as condições particulares das emprezas africanas; mas, desde o momento em que todos pensavam na necessidade de pôr Wilson de parte, reduzindo-lhe a zero a sua influencia na companhia, era evidente a necessidade de liquidar com elle as nossas contas e pagar o que lhe fosse devido pelas despezas por elle feitas.

Approvaram, pois, o visconde de Asseca e os seus amigos, que se liquidasse com Wilson, pagando-se-lhe o que se verificasse dever-se-lhe, e que se dizia orçar por cerca de 40:000 L., mas é claro que esse pagamento se deveria fazer depois de verificação de contas pelas entidades que nas sociedades anonymas teem essas attribuições. Liquidação *a forfait* pelo pagamento de trinta e nove mil e tantas libras, como ao sr. Centeno convinha, é que não consta de documento algum que o visconde de Asseca e seus amigos sanccionassem.

O caso era tanto mais delicado quanto é certo que era um administrador da companhia, Wilson, quem tinha feito essas despezas, e pedia o reembolso, para o qual tinha de se arranjar dinheiro fóra: e o caso ainda se tornava mais delicado, porque se não sabia ao certo quantas acções o mesmo Vilson tinha emmittido, vendo-se agora que as acções por este postas em circulação montam a L 415:009, ou sejam mais de *dois mil contos de réis*, de que 85 p. c. se vê estarem nas mãos do grupo affecto aos srs. Arroyo e Centeno. Não é curial nem de muito boa fé querer justificar a operação feita com o Ibo Syndicate do emprestimo de L 85:000 para pagar cerca de 40:000 a Vilson, quando é certo que o Ibo Syndicate é o detentor da maior parte dos 85 p. c. do capital emittido, e isto sem se esclarecer como foi que tanta acção entrou em circulação desde novembro para cá, porque, n'essa data dizia o commissario regio ao governo (vidé libello do secretario do tribunal do commercio) que se não auctorisasse a emmissão pedida de L 300:000 de obrigações, porque não havia o valor das acções correspondente!

Vilson estendera sobre o mundo esta larga nuvem de papel, *o papel que abunda como o ar, e é prestadio como agua*, nos similes famosos do sr. Arroyo (O *Drama Humano*, pag. 53), mas n'este caso não é claro como a agua; e depois de se ter produzido este phenomeno financeiro, veem-nos dizer que elle nenhum resultado monetario deu, e que se devem 40:000 libras a Vilson, que aliás é interessado nas futuras operações do Ibo Syndicate.

Veremos em que consiste este contracto com o Ibo Syndicate e como elle é ainda peior que a operação primeiro proposta por Campbell e que tantos sustos causou ao sr. Arroyo, a ponto de o levarem a dar em 26 de janeiro a sua demissão de administrador.

O contracto do sr. Arroyo reduz-se financeiramente ao seguinte:

1.º Emprestimo de L 65:000 ao juro real de 8 0[0 ao anno.

2.º Este emprestimo é pelo espaço de um anno.

3.º Durante esse anno nenhuma operação financeira para creação de fundos se realisará senão por intermedio contracto de emprestimo, o capital social da Companhia, proveniente das acções até então emittidas, não existia, e o emprestimo é feito para satisfazer despezas abonadas por terceiros, Wilson e esposa; logo, deveria a Companhia dissolver-se e liquidar, por força do n.º 5 do artigo 120 do Codigo do Commercio, se não se fizessem logo entradas, por emissões de acções que mantivessem, pelo menos, um terço do capital social.

N'esta situação incerta, manifestamente fóra da lei, corriam os negocios durante um anno, e se no fim d'este praso ainda estivesse em divida qualquer quantia com o Ibo Syndicate, far-se-ia então novo *arranjo* (artigo 5.º do contracto de 21 de março) para regular o futuro das relações entre o Syndicate e a Companhia.

Ora, como pelo mesmo contracto, o syndicato indicou as pessoas que deviam constituir o *comité* de Londres, e como se sabe que o mesmo syndicato e a sua gente possuem a maioria das acções que se pretende terem sido emittidas regularmente por Wilson, cuja illegalidade de emissão já demonstrámos, resultaria que a administração da Companhia ficaria pertencendo exclusivamente ao syndicato, isto é, ao credor, e portanto, era de ver que durante o anno nenhuma emissão de acções se faria, nem nenhuma amortisação de debito, porque a conveniencia do credor seria apossar-se a final por titulo legitimo de execução, ou por accordo em liquidação, dos direitos e beneficios da concessão.

Os estatutos facultam este plano, por quanto dizem que a liquidação d'esta Companhia se fará pelos tramites ordinarios.

Nem se diga que este plano prejudicaria o Ibo Syndicate e os seus amigos, porque acarretaria a consequencia da perda total do valor das acções, pois que, como estas acções foram pagas por elles, na sua maior parte, a Wilson e amigos, com as L 40:000 que a Companhia pagou ao mesmo Vilson e que ella ficou a dever ao mesmo syndicato, é claro que o interesse d'este e dos seus amigos é fazer desapparecer, pela fallencia ou liquidação, as acções na sua totalidade, para ficarem com a concessão por L 65:000.

Então, o Ibo Syndicate transformar-se-ia em Companhia portugueza, administradora e exploradora dos territorios que á Companhia do Nyassa haviam pertencido.

E' engenhoso e barato, mas aquelles accionistas que não commungam na cabala do Ibo Syndicate ficariam litteralmente roubados.

Eis os perigos e as consequencias inevitaveis do contracto de 21 de março, feito pelo sr. Arroyo, que não era administrador da Companhia, e pelos srs. Centeno e Almeida d'Eça que tinham, doze dias antes, assignado ou adherido e sanccionado o contracto de 9 de março com o sr. Vyler, accrescendo a circumstancia de o sr. Centeno ter recebido, de Vyler, em virtude d'este contracto, e a titulo de pagamento de divida, a verificar, L 6:500, ou sejam *trinta e sete contos de réis*.

O contracto de 9 de março negociado pelo sr. Coelho de Carvalho, em Paris, é bem differente d'aquelle que posteriormente foi feito em Lisboa com o Ibo Syndicate, pois todos os adiantamentos feitos pelo sr. Vyler (tantos quantos forem necessarios para manter a Companhia) não tem praso fatal de reembolso, e são feitos por conta do preço das acções que a Companhia houver a emittir, e que o sr. Vyler toma firmes na sua totalidade a 4$500 réis, isto é, ao par. Estas emissões serão feitas quando o sr. Vyler as pedir; e é claro que elle as pedirá, (como já pediu) em breve tempo, porque só por ellas se póde pagar dos desembolsos que por adiantamentos fôr fazendo á Companhia.

Nada de escuro, nada de perigoso ha n'este contracto com o sr. Vyler, pois tal contracto assegura só por si a existencia da Companhia, pela realisação do total do seu capital social. E quando um milhão de acções estiver espalhado na Europa, é claro que se for necessario augmentar o capital da Companhia para o desenvolvimento dos seus territorios, a collocação das emissões supplementares será fortemente apoiada, porque a ruina da Companhia ou a sua liquidação importaria a perda de um milhão de libras, o que não é pouco.

Com o contracto Vyler procedeu-se lealmente para com todos os interessados na Companhia do Nyassa, e satisfaz-se aos intuitos com que o governo de sua magestade fez a concessão dos territorios do districto de Cabo Delgado.

E para concluir, duas palavras a-proposto pelo sr. Campbell, que tanto horror causou ao sr. Arroyo.

Por esse contracto, havia a emissão de L 240:000 de obrigações; o sr. Campbell, comprava L 130:000 d'obrigações a 50 0[0, e portanto a Companhia receberia d'elle L 65:000; estas L 130:000 deviam estar amortisadas em dois annos.

Ora, ficavam para collocar Libras 110:000 de obrigações, e as acções que existissem em carteira das tres primeiras series.

A amortisação, como se vê, das L 130:000, podia ser feita em dois annos, e portanto, havia esperança e probabilidade de que o producto da venda do saldo de acções e das restantes obrigações désse mais que o sufficiente para resgatar as L 130:000, dadas ao emprestimo Campbell. Depois, a emissão de obrigações não se poderia fazer senão havendo valor no activo da Companhia, que garantisse o serviço das L 240:000 de obrigações, porque esta é a lei, e o governo não autorisaria, decerto, n'outras condições esta emissão; e d'aqui resultava que a remodelação financeira da Companhia, se havia de fazer antes que tal emissão de obrigações se realisasse, e, como o sr. Campbell começava por adiantar L 50:000 para ser pago em obrigações quando a emissão se effectuasse, é evidente que elle seria o primeiro auxiliar para a realisação do plano que então se combinasse, a fim de se crear fosse por emissão de acções, fosse por producto de sub-concessões, um valor que permittisse ao governo auctorisar a emissão de obrigações, titulos em que Campbell receberia o pagamento do seu abono de L 50:000, pois se obrigava a só o receber em taes titulos.

Tinhamos um auxiliar em Campbell e nos seus amigos, emquanto que pelo contracto de 21 de março, ficariamos todos á mercê do Ibo Syndicate e fatalmente enredados nos seus planos d'absorpção.

A primeira proposta de Campbell era má, e por isso, se não fez a ligação com elle; o contracto de 21 de março é peior, porque importaria fatalmente a morte da Companhia e a ruina dos accionistas que não forem feitos nas operações bem combinadas do Ibo Syndicate.

A superioridade moral e financeira do contracto de 9 de março é pois indiscutivel como é indiscutivel a sua legalidade.

Em vista do exposto, conclue-se:

1.º Que as irregularidades praticadas desde a fundação da Companhia são da responsabilidade exclusiva de Vilson, Merck, Centeno e Arroyo;

2.º Que o contracto de 9 de março foi feito pela maioria do conselho de administração;

3.º Que o contracto de 21 de março feito em Lisboa, doze dias depois de assignado o contracto em Paris, é um facto criminoso, cuja responsabilidade é d'aquelles que assignaram ou approvaram este contracto;

4.º Que o sr. Arroyo, tendo-se demittido em 26 de janeiro, e reapparecendo na administração dois mezes depois, sem ser por nomeação legal, usurpou qualidade que não lhe pertencia;

5.º Que, n'estas circumstancias, são elle, sr. Arroyo, e aquelles que o auxiliaram nos seus actos de usurpação, responsaveis para com a Companhia pelas consequencias que d'esse facto teem resultado, em prejuizo do credito e bom andamento da administração da empreza, sendo elles, por isso, não só merecedores da mais *indigna censura*, mas ainda do castigo que as leis impõem a quem pratica actos taes.

—

Documento n.º 1

Carta do sr. José da Cruz ao sr. conde de Mossamedes

Morley's Hotel.—Trafalgar Square.—London W. C.—2—abril—93.

Meu caro conde.—Recebi o seu telegramma hontem, á tarde, a horas de já não poder responder, porque já não chegaria a resposta antes de segunda-feira. A'manhã, pois, faço tenção de lhe telegraphar para os tirar da anciedade em que dizem estar pelo resultado da 1.ª assembléa geral da Companhia do Nyassa.

De resto, quando esta receberem, já alguma cousa devem saber pelo que escrevi ao Coelho de Carvalho.

Pura *blague*, meu caro conde, a tal assembléa geral—apenas pretexto para se fazerem alterações aos estatutos, que já vieram feitos de Lisboa pelo *advogado empregado no ministerio da marinha*. Eu de nada sabia, e achei-me aqui com este trabalhinho já feito, e que, escusado será dizer lhe, foi approvado. Como era de esperar começou a sessão por quererem os inglezes annullar a validade das procurações apre- tra dos estatutos dizia que essas procurações deviam ter sido depositadas na séde da companhia tres dias antes da assembléa. Protestei contra a cousa, e afinal como, para annullarem as minhas, tinham que annullar as do Merck, lá se resolveram em as acceitar, umas e outras. Invalidaram apenas a minha presença ou voto como gerente e socio da firma B. D. & C.ª por não apresentar documento como tal. Como lhes digo, tratou-se apenas das alterações a fazer aos estudos e escusado será repetir-lhes que ás minhas objecções e observações pouca ou nenhuma importancia se deu, porque era um só a reclamar, e ninguem mais me apoiava. N'essas alterações quem mais soffre é o conselho fiscal, que fica apenas com L. *60 sem mais nada*. O conselho de administração com as L. *200* e *5* p. c. de lucros.

Pretendem elles que o conselho fiscal nada tem a fazer, etc. etc. Préguei no deserto. E depois a logica dos inglezes é que o dinheiro é d'elles e que só elles o devem governar e que devem por isso ter todas as garantias.

……………………………………

Sou de v. ex.ª, affeiçoado e obrig., (a) *José da Cruz*.

—

Documento n.º 2

Telegramma do sr. Merck enviado ao *Seculo*

Londres, 8, ás 6 e 15 t.—*Seculo*, Lisboa.—Vi o seu jornal de quatro do corrente; rogo a fineza de publicar a minha declaração formal de que, tendo estado ausente de Londres desde fevereiro até setembro de 1894, e não tendo sido consultado sobre negocios da administração da Companhia do Nyassa desde janeiro de 1894 até fevereiro de 1895, é um absurdo mencionar o meu nome com referencia á emissão de sellos. A pedido da administração de Lisboa examinei em março do corrente anno os livros da companhia; a respeito dos sellos encontrei a confirmação da noticia telegraphica da direcção de Lisboa, de novembro de 1894, de que por decreto do governo permittira a emissão de sellos conforme os estatutos e leis portuguezas. Encontrei a factura dos sellos impressos em outubro de 1894, na importancia de setenta e quatro libras; vendas feitas de sellos foram na somma de cento e trinta cinco libras; lucro liquido da companhia, cincoenta e uma libras. Não achando cumpridas as formalidades legaes, pela emissão dos sellos, pedi immediatamente ao advogado da companhia que se entendesse com os compradores para a companhia restituir o dinheiro recebido, em troca dos sellos. Limita-se a isso a minha intervenção no negocio dos sellos. Em vista d'esse e outros numerosos boatos falsos espalhados em Lisboa, seria bom que as auctoridades portuguezas procedessem a exame immediato em todos os documentos e livros da Companhia do Nyassa existentes em Londres, para acabarem as accusações falsas e apurar-se a verdade.—*Barão de Merck* (Bartholomew-house, Londres).

—

Documento n.º 3

Carta do sr. Coelho de Carvalho a George Wilson

Londres, 13 de dezembro de 1894.—Ill.mo e Ex.mo Sr. George Wilson, Gerente da Companhia do Nyassa, Londres.—Ill.mo e Ex.mo Sr.—Acabo de receber do sr. Mitchell a carta que por copia aqui incluo.

Effectivamente o sr. Mitchell tem razão; e em vista do artigo 176.º do Codigo Commercial Portuguez, o Conselho Fiscal tem de vigiar por que a lei e os estatutos sejam respeitados. E com toda a franqueza: na Administração da Companhia do Nyassa não se tem procedido em conformidade com a lei, que é o Codigo Commercial e os estatutos da Companhia.—1.º Em Lisboa não ha escripturação legalmente arrumada, nem registro de acções.—2.º Não teem sido formuladas e apresentadas ao Conselho Fiscal as exposições escriptas determinadas no artigo 188.º do Codigo.—3.º Não se reuniu assembléa geral para approvação das contas do anno anterior.—4.º Foi offerecida ao publico uma emissão de obrigações sem que previamente se observassem os requisitos legaes para tal se poder fazer.—5.º O Conselho de Administração tem funccionado sem o numero legal de vogaes que os estatutos exigem.—6.º O procedimento da administração, consentindo que o sr. Vilson se considere, ao que parece, não só gerente mas dono unico da Companhia, tem occasionado as apreciações desfavoraveis da imprensa, o que prejudica o credito da Companhia e consequentemente o bom nome portuguez.

Parece que o sr. Vilson ignora as leis portuguezas e que o sr. Centeno, [illegible] em Lisboa o escriptorio da Companhia, tem feito pouco dos deveres que incumbem aos administradores e em pouco, egualmente, teem tido os direitos dos vogaes do Conselho Fiscal, tanto que pelos srs. Sarrea Prado e Paulo Chaves tenho sido sollicitado a occupar-me juntamente com elles de vigiar a marcha d'estes negocios e promover que tudo entre no caminho legal. Ora, eu não posso deixar de satisfazer as sollicitações dos meus collegas nem pôr de parte a reclamação do sr. Mitchell, que para mim é director da Companhia do Nyassa emquanto elle não pedir a exoneração ou não fôr demittido por uma assembléa geral, pois que pelo que respeita ao facto da pretendida transferencia das 1:000 acções d'elle para terceiros, isso não consta officialmente, nem tal podia ter logar antes da assembléa geral que o desonerasse da responsabilidade de administrador, e não me consta que isso já tivesse sido feito.

Eu não desejo ser desagradavel a ninguem, mas tambem não deixarei de cumprir o meu dever e por isso parece-me melhor combinarmos desde já a fórma de fazer entrar tudo na legalidade, amigavelmente, principiando V. Ex.ª por facultar aos dois vogaes do Conselho Fiscal que se encontram em Londres, o exame dos livros da escripta do *comité* e dos registos das acções de cujo exame faremos uma acta, e depois convocar-se uma assembléa geral para regularisar a situação. Não pense V. Ex.ª que o systema que muita gente segue na administração de companhias, de atrapalhar e confundir tudo, fazendo discussões interminaveis e azedas, procede commigo, porque eu entendo que em questões d'esta ordem só ha dois caminhos a seguir: ou encontrar-se sem gritaria ou disputas pessoaes no caminho verdadeiro e legal, ou derimir-se o caso, vista da lei, perante as auctoridades competentes que, n'este caso, são o Tribunal do Commercio e a policia, se houver motivo para tal. Um d'estes caminhos V. Ex.ª escolherá, na certeza, porém, de que não ha considerações pessoaes que me detenham na minha resolução, pois não creia V. Ex.ª que haja nos seus amigos força superior á lei. Basta de caminharmos por vias tortas.

Espero a sua resposta immediata. De V. Ex.ª venerador att.º (a) *J. J. Coelho de Carvalho.*

—

Documento n.º 4

Resposta de George Wilson á carta de Coelho de Carvalho

THE NYASSA COMPANY

Sociedade anonyma responsabilidade limitada

Bartholomew House

London, E. C. 14 th Decr, 1891.

—J. J. Coelho de Carvalho, Junior, esquire.—Keyzer's Hotel. E. C.

Dear sir.—I am favoured with yours of 13 th inst., the tone & contents of wich surprise me exceedingly. I am, at all times, glad to receive the advice & cooperation of all duly authorized authorities of the Company expressed in a proper & legal manner; your letter does not fall under this category. I do not see my way to comply with your imperative demands until you have fulfilled all necessary legal requirements to qualify yourself as a member of the Conselho Fiscal. In the meantime, i refer your letter to the Lisbon Board & wait their instructions.

As to the Debenture Issue, the London Comitee, before proceeding with the matter, obtained the opinion of an independent Lisbon lawyer whose written opinion we hold here, certifying our proposed actions to be correct and legal.—Nevertheless, we have determined not the allot any of these Debentures, until we have investigated the matter further, so that your fears of personal responsibility have no foundation.

I way add that all our accounts, bocks, papers & transaction here are in perfect order.

Your truly (syg) *Georg Wilson*, administrador delegado do conselho de administração e gerente da companhia Nyassa.

—

Documento n.º 5

Carta do sr. Bolhão Preto a mr. George Wilson

Ibo, 1 novembro, 1894.—Mr. George Vilson.

……………………………………

2.ª—*Timbres et monnais.* Avant de savoir votre resolution sur l'envoi des timbres, j'avais déjá exposé á mr. Centeno qu'il faudrait obtenir du gouvernement portugais une permission, pour en pouvoir faire un ousage avec la legende de la Compagnie du Nyassa, et aussi bien une auctorisation pour régler le cours de la monnaie.

Dans cette occasion j'ignorais que vous pensiez déjá á monayer de l'argent pour la Compagnie.

Quant aux timbres, nous accordâmes, mr. Centeno et moi, qu'il m'enverrait un dépêche á Moçambique, ou il me serait communique si je pourrais les mettre en circulation. Ce depêche lá, je ne l'ai pas reçu.

Quant á la monnaie j'ai prié mr. Centeno de me renseigner aussitot que possible.

Le fait c'est que, malheureusement, je ne peux pas les mettre en circulation, même dans notre territoire, vu l'article 33.º du decret de 26 septembre 1891, sans un autre que me auctorise á les faire circuler.

Agréez, mr., etc. (a) *Joaquim Sanches Rollão Preto.*

—

Documento n.º 6

Carta do sr. Rollão Preto a mr. George Wilson

Ibo le 16 novembre de 1894.—*Mr. George Wilson.*—J'ai l'honneur d'accuser la reception de vos lettres de 3, 12 et 20 d'octobre, au même temps que le connaissement des effects expediés par le *Guelph* et dont les caisses se trouvent déjá á la douane, intactes et au nombre indiqué. Le contenu n'est pas encore verifié, mais en admettant que rien ne manque, je suis en la possion—1.er de 8 tonnes de monnaie en bronse representant le valeur de réis 13:547$200; 2.me de l'importance, en timbres (ceux qui sont venus par le *Goth* compris) montant á 158:737000 réis……………………

……………………………………

En ma dernière lettre du 1.er novembre, dont l. copie ci incluse, j'ai eu l'occasion de vous informer que, avant que je fusse partie de Lisbonne, j'avais fait voir a mr. Centeno la grande avantage de que l'on obtenisse du gouvernement portugais un decret, par lequel la Compagnie du Nyassa fusse auctorisée à emettre, avec sa legende, des timbres, du papier timbre, et un au tre pour régler la circulation de la monnaie dans le territoire sous sa jurisdiction.

Peu de temps après *j'ai été informé par mr. Centeno, que vous aviez déjá faite* une emission de timbres pour le territoire de la Compagnie, et dans cette même occasion j'ait fait voir le besoin. même l'urgence, d'obtenir le decret necessaire, pour qu'en les puisse mettre en circulation, et nous avons combiné qu'il m'enverrait un dépêche, en me faisant savoir le resultat de l'empressment du conseil d'administration, dans ce but.

J'ignorais encore que vous aviez pris quelque mesure au sujet de la monnaie, mais selon ce que vous m'avez

---

195 **FOLHETIM**

Henrique Perez Escrich e Francisco de P. Entraal

MAGDALENA

DECIMA 3.ª PARTE

DESENLACE

XVII

Dar com largueza

Decorreram muitos dias, mas André não regressava. Moran tinha perdido as ultimas forças e estava moribundo em casa do barão. Mendoza não tinha esperanças de salval-o. Magdalena passava o dia e a noite á cabeceira do enfermo, mas seus rogos não tinham conseguido que elle consentisse na assistencia de um sacerdote. N'este tempo tinha ella comprado para Alexandrina um rico enxoval, haviam-se arranjado os papeis, e Paulo dispunha-se a abandonar a monotona vida de solteiro. Uma manhã, Magdalena chamou Alexandrina e disse-lhe:

— Queres acompanhar-me?

A menina vestiu-se com elegancia, e Magdalena mandou apparelhar o caleche. Quando subiram para a carruagem, Magdalena disse ao cocheiro:

— A casa de Lourença.

Chegando alli, as orphãs soltaram uma exclamação de surpreza, e correram ao encontro de Magdalena.

—Filhas da minha alma! disse esta.

E beijou-as com maternal carinho.

Angela, trémula, commovida, esperava que lhe chegasse a sua vez para lançar-se nos braços da sua bemfeitora.

— Então estão boas, minhas filhas? perguntou Magdalena.

— Pois não havemos de estar, prodigalisando-nos tantos favores!

— O unico sentimento que temos, disse Angela, é vermos que a senhora nos abandona.

— Abandonal-as! porquê? Cuidam que por ter encontrado meu esposo e sentir-me feliz com meu filho, seja capaz, de esquecel-as? Sou sempre a mesma, tanto nos tempos prosperos como nos adversos. Desde ámanhã, Angela admittirá n'esta casa, em quanto se não arranja outra melhor, todas as orphãs que necessitarem do nosso amparo.

—Que bondade! exclamou Angela.

— Como vamos de fundos?

— Ainda tenho parte dos que me entregou.

—E' que as despezas vão augmentar, e desde hoje terá quem a ajude nos seus trabalhos. Tem lidado muito toda a sua vida, por isso procurei uma pessoa para a aliviar no trabalho da casa. Desde amanhã, a velha creada de Simão, virá viver comsigo, porque elle vae viver comnosco.

— Como a senhora quizer.

— Alugue um trem e vá a casa de Simão; procure alli uma tal Gabriela, a quem dirá da minha parte que, por seus bons sentimentos, e para que seus filhos não passem fome nem miseria, lhe dou casa, vestuario, comida e educação para aquelles, se quizer desempenhar o serviço de porteira.

— E João, minha senhora?

— João será meu criado de confiança.

—Ao lado da senhora não ha desgraças nem lagrimas.

— Queira chamar o sr. Anacleto.

Angela sahiu, e poucos momentos depois voltou acompanhada do porteiro da casa fronteira. O alfayate de escada, ao observar o sumptuoso trajo de Magdalena, começou a fazer genuflexões e cortezias, exclamando por fim:

— Ditosos olhos que a vêem, minha senhora!

— Sr. Anacleto, disse Magdalena, tem sido um homem honrado, portou-se com Anna como um pae, e quero recompensal-o, para que sirva de estimulo a outros.

— Ah! e que tenho eu feito para merecer tanta felicidade? Eu estimava Anna, estimo-a ainda, com quanto o regulamento da Associação de que fórma parte não me permitta visital-a com frequencia; mas se alguma coisa tenho feito por ella n'este mundo, não foi com mira em premio, bem o sabe Deus.

E Anacleto enxugou duas grossas lagrimas.

—Pois bem: eu quero obsequial-o, em nome de Anna.

— Deus meu, eu não mereço coisa alguma!

Magdalena tirou cinco bilhetes de quarto mil reales cada um, e entregou-os a Anacleto, que os acceitou sem saber o que recebia. Mas quando conheceu que os papeis constituiam uma fortuna, começou a rir, a chorar e a demonstrar por todos os modos a sua alegria até que, possuido de gratidão e de regosijo, arrojou-se aos pés de Magdalena.

— E que hei de eu fazer com isto? que hei de eu fazer com tanto dinheiro? disse finalmente.

—Trabalhar, Anacleto, trabalhar, porque o trabalho é uma doce escravidão que nos enche de alegria.

E voltando-se para Angela, accrescentou entregando-lhe uma bolsa:

— Ahi tem este dinheiro: desde ámanhã, esta casa tornará a ser o que era quando eu occupava o palacio de Luiz Torrelamar.

— Deus proteje os bons, respondeu Angela.

— Minhas filhas, continuou Magdalena dirigindo-se ás orphas, póde acontecer que o destino nos separe, e que a pobreza e o infortunio bata de novo á porta do meu domicilio; por isso vou constituir um dote a cada uma para que no futuro possam arrostar a desgraça.

Meia hora depois, Magdalena despedia-se das orphãs. As lagrimas desprendiam-se-lhe dos olhos uma após outra, e corriam-lhe pelas pallidas faces.

—Ah! quanto és feliz, Magdalena! dizia-lhe Alexandrina.

— Muito, minha filha, porque depois das rudes luctas que têem torturado a minha existencia, desfructo maior fortuna do que mereço.

— Não, tu mereces tudo, porque é o justo premio que Deus concede á tua virtude.

Qundo chegaram a casa, appareceu-lhes Mendoza, pallido e agitado.

— Como está Moran? perguntou-lhe Magdalena.

—Mal, minha senhora, muito mal.

— Está a expirar?...

— E' inevitavel a sua morte: a sciencia é inefficaz para salval-o.

Magdalena guardou silencio e derramou algumas lagrimas por aquelle que até então tinha sido o seu maior inimigo.

— Morre longe de seu filho, disse por fim, e segundo tenho ouvido, Rodolfo é a unica pessoa que lhe tem transformado o caracter.

— Abanbonou-o n'outro tempo, e Rodolfo abandona-o hoje.

— Pobre Guilherme!

Magdalena fez uma pausa e mudando de conversação, continuou:

— Senhor de Mendoza, durante o periodo do meu infortunio, o senhor foi um pae para meu filho e um irmão para mim. A amizade que hoje lhe dedicamos todos, é tão sincera, tão fraternal e verdadeira, que vendo-nos reunidos em casa de Anselmo, ainda não teriamos alegria completa se o senhor não estivesse em nossa companhia.

Depois de reflexionar um momento, o medico respondeu:

— Minha senhora, no primeiro dia em que a conheci disse-lhe que era um peregrino da sciencia, porque estava sempre onde as desgraças me chamavam.

— Sim; mas tambem eu um dia lhe disse, que devia adquirir uma familia, ao que me respondeu, que não estava reservada tal ventura para os homens como o senhor. Dizia perfeitamente senhor de Mendoza.

— Porque, minha senhora?

— Porque hoje tem essa familia e regeita-a; talvez não sejamos dignos de nos dedicar a sua existencia e a sua amizade, e em tal caso...

— Não fallemos mais n'isso: viverei sempre com esta familia, e só a abandonarei nos dias em que os meus auxilios possam ser uteis aos entes que padecem.

— Agradeço-lhe, doutor; uma verdadeira amizade é o mais dôce laço da vida.

— E' certo D. Magdalena.

E apertaram-se reciprocamente as mãos.

(*Continua.*)

écrit en votre lettre du 21 septembre, je suis venu en connaissance de que par le *Guelph* vous me remettriez 8 tonnes de bronze en monnaie de 20 réis et de 10 réis. Comme je vous ai déjà dit, je suis en possession de toute cette monnaie. Mais de même que pour les timbres, je ne suis pas auctorisé à la mettre en circulation, sans ta sanction du gouvernement. On pourrait les saisir et moi, comme representant de la Compagnie, je pourrais être mis dans un procés.

Il faut, pourtant, que vous pressiez vos instances près du censeil d'administration, pour que le decret en question soit publié, en secondant ainsi les demandes que moi, de ma part, j'ai déjá fait dans ce but, et que je vais faire encore une autre fois de plus.

Cette question c'est de la plus haute importance, et je crains que le gouvernement, en usant des avantages de l'article 30 du decret de 26 septembre 1891 (je vous pris toute votre attention sur ce que je vais vous dire) ne donne son consentement qu'á la condition d'être faite á l'Hotel des Monnaies, á Lisbonne, l'emisson des timbres et des monnaies.

……

Veuillez, Mr., etc,

(a) *Joaquim Sanches Rollão Preto.*

—

DOCUMENTO N.º 7

Carta do sr. Almeida d'Eça a Coelho de Carvalho

Lisboa, 1 de março de 1895.

Meu excellentissimo e prezado amigo.—A pressa com que no outro dia fallamos e combinamos a sua partida, fez com que eu não podesse attender ou antes entender bem a proposta ou nova ideia que motivou a sua partida sobredita.

Ruminando sobre o caso, parece-me que elle póde ter um grande alcance vantajoso para todos, mas tambem que na sua definitiva resolução convem precaver com todo o cuidado qualquer eventualidade d'onde possa resultar complicações futuras.

Vejo pelos jornaes (e o meu amigo melhor o poderá saber ahi) que ha uma tendencia a realisar-se uma approximação entre a França, a Inglaterra e a Russia, uma especie de triplice alliança para oppôr á outra. Ora sendo assim, e estando os territorios da Companhia proximos dos da Allemanha, e ainda complicados com o caso de Kionga e futura delimitação no terreno (que ha-de ter dente de coelho, sem allusão), póde mui bem ser que os francezes tenham em mira obter um ponto de apoio na costa oriental para futuras combinações, que pódem muito bem ser, por exemplo, uma tosa nos visinhos allemães, tão aborrecidos a elles, como a nós, como aos inglezes. Que diz a isto? Póde tambem ser que os francezes imaginem que o facto de ficarem com as acções lhes dará o direito de considerarem os territorios da Companhia como roupa sua... d'elles, ou por outra, como uma nova possessão da França. E a tal historia d'elles pretenderem estabelecer no Ibo um sanitario das tropas da expedição a Madagascar não poderá ser um pretexto para futuras cousas? O meu amigo, que de ha muito estuda este assumpto, de certo verá melhor do que eu se estas minhas ideias teem algum fundamento. Em todo o caso, *como de modo algum quero aconselhal-o*, parece-me indispensavel que se dê a saber aos sujeitos clara e minuciosamente o conteudo e significação dos diversos pontos do decreto da concessão artigo por artigo, e mui principalmente aquelles que dizem respeito á nacionalidade portugueza da Companhia, a fiscalisação do nosso governo, n'uma palavra, tudo quanto respeita á não ingerencia nos negocios de companhias de qualquer governo que não seja o nosso, por menos nacionaes que sejam os capitaes com que a Companhia ha-de laborar. Isto parece-me indispensavel pelo proprio interesse da Companhia em geral e muito especialmente pelo nosso.

Basta de prégação. Que tenha muita saude e traga um bom negocio concluido é o que mais lhe deseja o de v. ex.ª, amigo e admirador, (a) *Vicente Almeida d'Eça.*

(*Continúa.*)

Protecção á mulher

Têm-nos merecido a mais particular attenção os artigos, que sob esta epigraphe, o *Seculo* tem publicado, porque, além de significarem um acto de meritoria justiça, é innegavel que se referem a um dos mais interessantes e difficeis problemas da economia social.

Hoje como nunca, a mulher continúa sendo a victima do homem, a bastarda irremediavel da civilisação, a pobre machina resignada e dôce do nosso egoismo, da nossa superioridade durante seculos cuidadosamente accumulada. Debaixo do verniz da nossa fingida protecção, das nossas attenções galantes, manobra e occulta-se um altivo desdem, uma tyrannia orgulhosa e fria. Pela exterioridade, somos nós os escravos; na realidade, são ellas as victimas. Na antiguidade, ainda tinha a mulher, alem do recurso d'um grande numero de occupações, remuneradas, o culto, a manutenção e os labôres do lar, a direcção domestica. De portas a dentro, era senhora absoluta. Havia os penates para a oração, havia a matrôna para a ordem, o arranjo e a disciplina. Durante a edade-média, depois, a evolução sentimentalista e guerreira, a exacerbação e o afinamento da imaginativa popular, naturalmente endeusaram e incensaram, da humanidade, o que esta tinha de mais delicado e mais perfeito. Os cantos dos trovadores, as justas e torneios, foram outras tantas manifestações do mystico, e acendrado culto, da generosa protecção que ás raças viris e fortes do tempo merecia a delicadeza e a graça feminina. Depois da libertação da fé, a consagração da virgindade. D. Quixote continuando Pedro, o Eremita.

Hoje, porém, tudo mudou. O desregrado ambito e as exigencias da moderna civilisação, o desapoderado sybaritismo, a insaciavel febre de prazeres e gosos que fizeram do homem um troglodyta do instincto, levaram-nos a usurpar as poucas prerogativas que á mulher restavam ainda, a apeial-a do seu pedestal ephemero, e a consequentemente incluil-a, na cathegoria das coisas, no grande rol descomedido dos nossos instrumentos de prazer.

Perante o homem e a legislação moderna,—declamem e protestem embora philantropos e utopistas,—a mulher é considerada apenas mechanicamente: um regalo para a vista, um lisongeio para os sentidos. E' um *bibelot*, um mimo, uma sensação a mais, na allucinada febre de gosar que nos atormenta e consome a vida.

Tambem, para isso, não precisa de pensar, basta que saiba sentir. O que se lhe quer é frescura, attractivos, nervos; dispensa-se-lhe a intelligencia. Por isso a moderna educação da mulher tão deploravelmente lhe descura o desenvolvimento e aproveitamento das suas faculdades de trabalho; por isso o elemento feminino é, por toda a parte e em todas as classes, creado com a mira n'este unico ideal: agradar.

Não se faz, não se cura, não se pretende outra coisa, desde o descaro e o franco estadeamento dos prostibulos, até á hypocrita exhibição e concorrencia dos *clubs*, salões e praias. Resultado,—sem o amparo e a protecção do homem, a mulher não tem com que viver. Não tem profissões suas proprias, mistér nenhum nem qualidade de trabalho, sufficientemente remunerada. Nas fabricas, nos trabalhos ruraes, em alguns trabalhos caseiros e na costura, os salarios são irrisoriamente parcos; aquellas que corajosamente pretendam viver por elles, e só por elles, morrem de fome, se não morrem antes de tuberculose ou de anemia.

A saida mais tentadora e mais prompta, a mais seductora solução, para toda a rapariga nova, ao inilludivel problema da sua subsistencia, é o mercadejo da sua honra, e quasi sempre a prostituição em seguida. E, ainda a este respeito, a sociedade é immensamente injusta e cynica: pondo todas as facilidades legaes e extra-legaes á disposição d'uma mal-avisada mulher que queira perder-se, nega-lhe depois absolutamente os meios de rehabilitação para uma vida honesta. Mulher prostituida é mulher perdida; nem na familia, nem em nenhuma classe ou profissão decente poderá jámais entrar. Assim o decreta inapellavelmente a interesseira justiça dos homens, os hypocritos dictames, feitos de crueldade, charlatanismo e embuste, da chamada moralidade social.

E comtudo não ha mais descommunal e revoltante injustiça. Deveriacom a nossa irmã natural repartir os interesses e os beneficios do mundo, dar-lhe uma equitativa participação na exploração e no trabalho. Seria isso antes de tudo, da nossa parte um proceder intelligente: na mesma medida em que fruir occupações lucrativas, a mulher deixará de depender tanto de nós, de tanto nos sobrecarregar economicamente.

E será depois tambem essa equitativa emancipação, um grato movimento da nossa parte, uma carinhosa mostra de apreço e de justiça. Porque o homem não deve esquecer que, sem a mulher, nunca o seu coração seria desperto, nunca lograriamos ter uma completa e agradavel noção da vida. A mulher é a afinadora do nosso sentimento, é a depuradora do nosso instincto. Sem ella seriamos uns canibaes, por amor d'ella tornamo-nos uns santos. Porque ao seu magico influxo exclusivamente devemos as vibrações da nossa sensibilidade, a nossa affectiva emoção, a alvoroçada e santa cognição do amor—esse estranho e empolgante sentimento—meio dedicação, meio loucura, que é o primeiro vagido da alma, a primeira palpitação do espirito, o primeiro dialogo do homem com as coisas, a primeira communhão de Deus com a Natureza...

Sejamos pois, generosos, amoraveis, justos. Demos larga margem no conflicto da vida a esses privilegiados sêres, a quem devemos a inapreciavel iniciação do sentimento.

(Do *Reporter*.)

NOTICIAS DIVERSAS

A tuberculose. — Bento Carqueja, o nosso respeitavel collega do *Commercio do Porto*, actualmente em digressão pelo estrangeiro, ao chegar a Paris procurou obter informações seguras sobre as recentes descobertas de Maragliano e resultados que ellas podem trazer para a cura da tuberculose, afim de introduzir em Portugal os trabalhos do illustre medico italiano. Com esse intuito, dirigiu-se ao Instituto Pasteur onde foi recebido pelo dr. Roux. Em carta ao nosso collega portuense, Bento Carqueja, refere a sua entrevista com o sabio francez. Escreve elle:

«O dr. Roux mostrou a sua melhor vontade de cooperar no meu intento; mas, infelizmente, pouco auxilio me poderia prestar. Tem noticia dos trabalhos de Maragliano sobre o tratamento da tuberculose; mas não sabe que elle tenha apresentado casos que permittam affirmar a efficacia d'esse tratamento; isso é indispensavel. E' certo que Maragliano conseguiu, segundo affirma, dois resultados; mas essa conclusão tem mais importancia puramente scientificada que therapeutica. Elle conseguiu preparar uma *tuberculina* e em seguida elaborar um sôro, que destina a elementos vivos existentes n'essa *tuberculina*. Mas fez experiencias sobre animaes? Eis o que não disse. E, na opinião do dr. Roux, não seria difficil realisar essas experiencias sobre porquinhos da India, nos quaes os effeitos da tuberculose se manifestam promptamente. Se n'esses animaes, depois de reconhecidamente tuberculosos, a marcha da doença se detivesse, evidentemente o problema teria um começo de solução. Ainda assim, seria necessaria muita prudencia para concluir dos bons effeitos sobre o homem. A's vezes, a tuberculose leva quatorze annos a manifestar-se, de fórma que só passado um longo periodo de tempo se poderia affirmar se o remedio é efficaz ou não. Outro tanto não acontece com a diphteria; é uma doença de marcha rapida e na qual os effeitos do tratamento se podem verificar com promptidão e segurança. Em vista da falta de informações sobre as experiencias em que se fundaram as combinações de Maragliano, perguntei ao dr. Roux se achava conveniente que eu fosse á Italia saber, da bocca do proprio professor italiano, se elle considera tão seguros os seus resultados que nos permittam enviar um medico portuguez á Italia estudar o seu methodo, para ser applicado em Portugal. O dr. Roux achou muito rasoavel este alvitre, mostrando estimar conhecer a série de trabalhos praticos realisados por Maragliano».

O sr. Bento Carqueja, em virtude da opinião do dr. Roux vae á Italia procurar informações que lhe permittam iniciar a mais prestante das cruzadas em que se pode empenhar.

O suicidio do principe de Rohan. — Um jornal francez, que temos á vista, volta a fallar do suicidio do principe Ernesto de Rohan e publica alguns novos pormenores que, sendo verdadeiros, suscitarão graves duvidas sobre as circumstancias em que se deu a morte do mallogrado principe. Estão, por certo, recordados os nossos leitores de que primeiramente o desastre foi attribuido ao facto de se ter disparado, por acaso, uma espingarda. Essa versão foi, porém, posta de parte e substituida pela do suicidio, que se considerou como verdadeira e definitiva.

O principe de Rohan, desde que sahiu da Casa de Saude, em que esteve algum tempo recluso e da qual conseguiu evadir-se com o auxilio d'um aldeão, que lhe era muito dedicado, passou a viver com um militar, o commandante Rochell, que passava por ser uma especie de guardião, encarregado pela familia do principe de cuidar d'elle e de o vigiar, por causa do estado precario das suas faculdades mentaes.

Diz o *Matin*—o jornal a que acima nos referimos—que o principe Ernesto vivia completamente dominado pelo terror que lhe inspirava o militar. Apezar de possuir uma fortuna consideravel, quasi não podia dispôr de dinheiro algum. Muitas vezes via-se obrigado a ficar a dever algum refresco que tomava quando regressava a casa. O regimen a que estava submettido era mais proprio d'um collegial que d'um adulto. Um amigo do principe conta que uma vez veiu elle para casa cinco minutos depois da hora marcada para o jantar; pois Rochell castigou-o, não lhe dando almoço no dia seguinte! Todas estas circumstancias, juntas aos boatos que correram, de que o principe fôra encontrado morto n'uma estrada e não no local onde se disse ter sido descoberto o seu cadaver, teem dado logar a commentarios deveras graves. O commandante Rochell foi o primeiro a pedir á justiça que esclareça o caso. Pelo seu testamento vê-se que o principe deixa uma fortuna de 500:000 a 600:000 francos. Com excepção d'um pequeno legado ao aldeão que o ajudou a fugir do manicomio, todo esse dinheiro fica pertencendo a Rochell, indicado no testamento como herdeiro universal. Isto contribuiu mais ainda para aggravar os commentarios sobre a mysteriosa morte do principe de Rohan. Ha quem diga que a versão do suicidio está destinada a passar em breve por uma transformação radical.

Almas do outro mundo.—Na rua de Sagasti, em Madrid, ha um convento onde se installaram não ha muitos annos as freiras franciscanas da Conceição. São mais de vinte mulheres, todas novas, que abandonaram o mundo para se entregarem á religião. A rua não póde ser mais solitaria. Não ha alli transito de carros, nem ruidos que perturbem aquelle isolamento. Ha, porém, muitos dias, mais d'um mez, ouvem-se no convento estranhos ruidos, como se alguem estivesse a abrir um subterraneo. A's vezes o ruido indica claramente o golpe secco e compassado do alvião; outras vezes lembra o arrastar de pesados objectos e mesmo até o funccionamento de uma machina ou d'uma ferramenta mechanica. Ao principio, quando as freiras, assustadas, déram parte ao capellão, e este á policia e á guarda civil, suppôz-se que se tractava de qualquer preoccupação avolumada pelo terror das madres; mas depois de toda a gente ter ouvido os misteriosos ruidos, ninguem pôde duvidar de que eram certos e que, por baixo do convento, se trabalha em uma obra qualquer, que não póde ser licita. Primeiro, notaram-se os ruidos na parte do cemiterio do convento; depois na cerca contigua ao edificio e agora dentro do proprio convento, o que indica que o subterraneo avança. Tão fortes foram as pancadas dentro do convento e tão proximas do solo que, segundo referiu um guarda civil, ha algumas noites parecia que ia saltar o pavimento do edificio monacal onde aquelle guarda estava de sentinella. Para o que desse e viesse, elle foi armando a carabina...

Quasi sempre os ruidos faziam-se durante o dia, mas algumas noites os *mineiros* trabalharam sem interrupção, augmentando, como é natural, o terror das freiras, das quaes adoeceram seis, estando tambem moribunda a ama do capellão. As auctoridades teem percorrido inutilmente todo o bairro em busca da origem de tão estranhos rumores. E como o edificio freiratico fica completamente isolado, deve a mina comprehender uma grande extensão de terreno. Mas o mais curioso é que, apesar da vigilancia das auctoridades, os ruidos continuam. Adoptou-se o expediente de abrir poços a ver se se encontra o misterioso subterraneo, provavelmente aberto para entrar no convento com fins que ninguem pode adivinhar. Outros suppõem que o ruido procede de alguma fabrica de moeda falsa, estabelecida debaixo da terra.

A Patti wagnerista. —A célebre diva Patti dedicou-se agora a cantar trechos de Wagner com todo o fervor de uma *bayreuthista* convicta. Interrogada a tal respeito, Adelina Patti declarou que communga com todos os admiradores mais apaixonados de Vagner, accrescentando:

— A minha opera favorita é uma que nunca cantei em publico: *Lohengrin*. Considero o papel de Elsa, como o mais formoso e mais ideal que se tem concebido. Admiro Vagner mais que a outro qualquer compositor do mundo.

Perguntando-se-lhe se cantaria em publico alguma opera de Vagner, respondeu:

— Sim, cantarei a parte de Elsa quando esteja para findar a minha carreira artistica, fechando-a com a musica mais sublime concebida pela inspiração humana.

Adelina Patti, segundo indicou, tenciona retirar-se brevemente do theatro e os wagneristas devem felicitar-se por terem mais uma adepta insigne, disposta, além d'isso, a despedir-se do theatro, cantando o *Lohengrin*.

Os insurgentes cubanos. — Dissemos já que se calculam em 24:000 para 25:000 homens as forças dos insurgentes cubanos. Essas forças acham-se distribuidas do seguinte modo: Na provincia oriental 6:000 homens, sendo as partidas compostas principalmente de mulatos ou pretos e commandadas por Antonio e José Maceo, Quintino Banderas, Felix Romeu e Periquito Perez. Em Manzanillo combatem quatro partidas, formadas igualmente de pretos e mulatos, tendo por chefes Rabi, Angel Mongo, Quintera e Vicente Cutino, havendo mais quatro guerrilhas compostas de brancos sob as ordens de Salvador Rios, Amador Liens, Popa e Juon Vega. Todos estes bandos representam um effectivo de 3:000 homens. Em Holguia encontram-se ainda 2:000 homens, tendo por chefes José Miro, Antonio Guerra e Capoto. N'este ponto os brancos são mais numerosos. Em Porto Principe, os insurgentes attinguem o numero de 4:000, sendo os bandos mais numerosos os que são mandados por Maximo Gomes e o marquez de Santa Emia. Na região das Villas acham-se 2:000 insurgentes, que téem por cabecilhas Suarez Zuyas e Castilho. O resto do contingente insurreccional é formado de differentes partidas que téem por principal objectivo o saque e a pilhagem.

As mulheres. — A revista londrina *Tit Bits* publicou, no ultimo numero, um artigo intitulado: — *Do que são capazes as mulheres para obter bebidas espirituosas.* O seu auctor é um medico muito conhecido.

Affirma o articulista que, em Londres, a senhora, a *lady*, encontra sempre em casa de seus fornecedores champagne extrasecco e genebra extrapura e não ha modista celebre que não tenha para as suas freguezas o *whisky* de Escocia, o *brandy* incomparavel. Nos luveiros ha sempre o famoso *old ale* de dez annos de antiguidade e de que um só copo fazia dormir lord Seymur. Mais de uma elegante não assiste a um espectaculo sem levar comsigo uma garrafinha de *rhum* occulta no seio, librando com frequencia a coberto do leque. Outras substituem a garrafinha por *bons-bons* ou capsulas de gomma arabica cheias de alcool.

O numero de pessoas do sexo fraco que se entregam ás bebidas fortes que a policia recolhe nas ruas de Londres, completamente embriagadas, eleva-se a tres mil por mez.

Caminhos de ferro.— Um curioso artigo de Parville narra as attribulações porque passaram os caminhos de ferro nos primeiros tempos da sua installação. Todos se voltavam contra elles: sabios e profanos, aristocracia e vulgo. Havia um medo extraordinario aos choques. Foi preciso fechar á chave as portinholas para evitar que os viajantes ao menor ruido desagradavel se precipitassem á via. Pensou-se em que a machina seguisse a bastante distancia dos carros ligada a estes por uma comprida cadeia. Uma auctoridade da época, o coronel Lecount, propôz que no alto da locomotiva fosse um vigia com um oculo para examinar os signaes e estado da linha.

De quinhentos em quinhentos metros havia um guarda com a competente bandeira de signaes e aquella cadeia humana substituia o telegrapho. Em alguns trens inglezes, uma engenhosa disposição de espelhos permittia ver o que se passava na outra extremidade do comboyo. Em comparação com estas precauções, commettiam-se verdadeiras barbaridades. Formavam-se enormes trens puxados e impellidos por tres, quatro e até seis machinas umas á frente, outras á retaguarda. Em 1841, pôz-se em marcha entre Sheffield e Derby um comboyo com cinco machinas e 1:000 viajantes.

Expressos com trinta carros seguiam a todo o vapor, sem mais elementos para deter-se, em caso de perigo, que tres freios de mão. E não se julgue que as velocidades eram pequenas. Em principios de 1836, antes de abrir ao publico o caminho de ferro de Greenwich, viajou pela linha, com um andamento de 96 kilometros por hora, um comboyo de sete carruagens cheio de senhoras. A resistencia que a aristocracia oppôz aos caminhos de ferro foi inspirada pelo orgulho. A nobreza não queria viajar nos mesmos carros de que se utilisavam os commerciantes e os burguezes ricos. O conflicto foi resolvido de uma fórma comica: construiram-se *trucks* em que se collocavam os coches dos particulares, com seus senhores dentro e, assim, estes conseguiam viajar sem se expôr a contactos humilhantes com pessoas de pouco mais ou menos.

Devastação d'uma aldeia. — O correspondente do *Times*, em Sofia, foi visitar as ruinas de Dospat, a aldeia de bulgaros mahometanos, recentemente incendiada por um bando de agitadores. Descreve assim o que viu:

«A aldeia, que está situada n'um pitoresco valle, no coração das montanhas de Rhodospe, era muito importante: compunha-se de 305 casas, habitadas por 1:600 pomaks ou bulgaros mahometanos. Felizmente um grande numero de habitantes estava ausente, quando o ataque teve logar. Muitos d'entre elles passam os mezes de verão a pastorear os rebanhos nas montanhas, muito distante das suas habitações. Graças a esta circumstancia, o numero de mortos foi muito menor.

«Depois d'um minucioso inquerito, adquiri a certeza de que tinham sido mortas 41 pessoas, das quaes 20 mulheres e raparigas; 12 pessoas foram queimadas vivas; 12 foram fusiladas pelos aggressores, quando fugiam espavoridas das suas casas incendiadas, e 15 foram mortas e em seguida decapitadas! No incendio morreram 400 bois e 200 cavallos. As ruinas apresentam um aspecto espantoso. A' excepção de algumas casas e alpendres exteriores, toda a aldeia ficou reduzida a uma massa de pedras negras e de detrictos de madeira. As paredes dos predios ficaram completamente desmoronadas pelas explosões de dynamite. Os camponezes affirmam que os assaltantes empregaram peças de artilheria, e os cirurgiões militares turcos declaram terem extrahido estilhaços de obuzes d'um ferido que está no hospital de Nevrekop. A destruição da aldeia levou duas horas e o bando dos assaltantes, que tinha transposto a fronteira em dois ou tres pontos, retirou-se immediatamente pelo mesmo sitio por onde tinha vindo. Durante esse tempo, os habitantes das aldeias visinhas tinham pegado em armas e, auxiliados pelas tropas turcas, perseguiram vigorosamente os assassinos, matando 30 e fazendo 13 prisioneiros. Entre estes ultimos conta se um cirurgião do exercito bulgaro!»

Em Vienna. — A direcção artistica da opera imperial de Vienna costuma estreiar as producções lyricas nos anniversarios natalicios do imperador ou da imperatriz. Por exemplo: a estreia de *Werther* verificou-se, n'aquelle theatro, a 16 de fevereiro de 1892, dia de annos da sobreraua. Este anno, conforme a praxe estabelecida, dar-se-ha, na noite de 4 de outubro proximo, anniversario do Imperador Francisco Joré, a nova opera do maestro francez Massenet, intitulada a *Navarraise*.

Em Marrocos.—Alguns arabes da tribu dos *riffenos*, que habitavam em Tanger, atacaram outros *riffenos* protegidos pelos portuguezes. Na grande praça do mercado, travou-se uma verdadeira batalha, havendo muitos mortos e ficando mortalmente feridos innumeros combatentes.

Em Tanger, tinham-se dado n'um dos ultimos dias 8 casos de colera, sendo 6 fataes.

O premio «America cup.»—Ha dias que o mundo inteiro do *yachting* estava em verdadeiro alvoroço por causa do campeonato estabelecido entre os *yachts* americano *Defender* e inglez *Walkyrie III*, da victoria de um dos quaes dependeria ficar o premio *America cup* nos Estados-Unidos ou passar para a Inglaterra. Este premio foi fundado pelos proprietarios do *yacht America* depois do premio ganho por este célebre barco em 22 de agosto de 1851 nas regatas de Cowes. O premio ganho pelo *America* foi entregue ao New York Yacht Club em 1852, e desde esta epoca tem havido nove desafios entre a Inglaterra e os Estados-Unidos pela posse do premio *America cup* que parece provar a supremacia do *yachting* em todo o mundo. D'esta vez ainda, os americanos ficaram com o celebrado premio, pois lord Dunraven, após a segunda corrida que o jury deu contra elle apesar do seu *yacht* querendo entrar nas tres corridas que faltavam ainda.

A ilha da Trindade. — Despachos do Rio de Janeiro, publicados nos jornaes estrangeiros, dizem que o governo brazileiro apresentára no senado uma proposta para ser colonisada a ilha da Trindade que, como é sabido, foi recentemente occupada pela Inglaterra, tendo o governo do Brazil protestado contra similhante occupação.

Sêllos abyssinios.—Os collecionadores de sellos vão ter mais uma nova série de estampilhas postaes no mercado. O rei Menelik da Abyssinia mandou estampar sêllos postaes com a sua negra effigie. Mas o engraçado do caso é que na Abyssinia não ha correios, e que S. M. Menelik I trata de fazer o seu negocio com as novas estampilhas, especulando assim com a mania dos collecionadores.

Outra corrida de comboyos.—Os *records* de todo o genero estão verdadeiramente em voga. Referimo-nos ha tempos ás corridas de comboyos que houve entre Londres e Aberdeen, chegando o comboyo vencedor a percorrer 101 kilometros e meio por hora, sendo este o *record* de maior velocidade até então obtido. Os americanos, porém, quizeram fazer mais e melhor, annunciando ultimamente os jornaes dos Esta-Unidos que um comboyo especial tentaria bater entre New-York e Buffalo o *record* do comboio inglez. Esta corrida realisou-se no dia 13. O comboyo largou de New-York ás 5 horas, 40 minutos e 70 segundos e chegou a Buffalo ás 12 horas, 94 minutos e 57 segundos, percorrendo 700 kilometros em 6 horas, 54 minutos, 54 minutos e 27 segundos ou 103 kilometros e um quarto por hora, mais 1 kilometro e 3 quartos que o comboyo de Londres e Aberdeen.

Situação singular.— Não deixa de ser excepcional a situação em que se encontra ao presente o americano Pearson Valentine, o qual, ao mesmo tempo que é procurado no Estado de Minesota para o enforcarem, é citado no Wiscusin para receber uma herança de 100:000 dollars (90:000$) que lhe deixou a mãe. E' aventurosa a vida d'este Pearson. Muito novo ainda, deixou a casa paterna, e depois de varias aventuras concluiu por matar um rival, refugiando-se em seguida no Estado do Colorado, o que não o livrou de ser condemnado á morte no Minesota. A herança que a mãe lhe deixou não é para despresar, mas se Pearson se apresenta, corre o risco de ser apanhado e entregue ao carrasco. E' o que se chama estar em situação bem excepcional.

Bemfeitor singular. Os empregados da estação do caminho de ferro de Paddington (Londres) procederam ultimamente a uma manifestação solemne em honra de um dos seus bemfeitores que, em menos de tres annos reuniu 400 libras (1:800$000) para o cofre das viuvas e orphãs do pessoal da companhia. Este philantropo é um cão de raça irlandeza, ensinado a esmolar no interior da estação. Usando uma colleira em que está escripto o que pretende, Tim, assim se chama o cão, passa o dia a apresentar-se a todos os passageiros, não os deixando senão depois de receber alguma esportula. Nos dias de comboyos de recreio é quando Tim realisa as sommas mais importantes. Um dia a rainha Victoria, quando se dirigia a Windsor, deu-lhe uma libra. Tim recebeu do pesscal uma colleira de honra com uma dedicatoria exprimindo a gratidão dos empregados.

SECÇAO LITTERARIA

NOSTALGIA

(REPRODUCÇÃO)

I

Ha um soffrer melancolico,
que se chama nostalgia;
que opprime, de noite e dia,
quem longe da patria está!
—O proscripto, então recorda-se
dos seus dias tão saudosos,
e dos campos tão formosos,
que mais, talvez, não verá!—

Lembra-se então da familia;
dos amigos, com saudade.
Vê-se quasi na orfandade,
pois a patria é nossa mãe!
Patria! sempre é vocabulo,
que dos labios se lhe solta
e com elle vae envolta
uma supplica tambem.

Volta o rosto, sempre pálido,
olhos tristes alongando,
e pergunta, suspirando,
se á patria póde voltar!
—Olha o sol e diz-lhe: «Leva-me
comtigo á patria querida,
pois, longe d'ella, esta vida
não posso, nem sei gosar!»—

E, n'essas noites mais tépidas,
quando docemente a briza
e a ribeira, que desliza,
fallam mais ao coração,
ao ver as estrellas fulgidas
e a meiga lua, o proscripto
pela sua patria um grito
solta mais saudoso então!

II

Tal eu vivo, procurando-te,
que vivo, como um proscripto!
E a patria, que busco afflicto,
é, mulher, o seio teu!
O mundo todo despreza-me!
E sempre, sempre procuro
o teu seio meigo e puro,
para unir ao seio meu!

Não tenho no mundo patria!
A minha patria é teu seio!
Mas tenho um triste receio
de repellido inda ser!
—O meu soffrer melancolico,
esta minha nostalgia,
só póde acabar no dia,
em que junto a ti viver!—

RANGEL DE QUADROS.

A MODESTA

pela

VISCONDESSA DE MONSERRATE

Vão desapparecendo uma a uma as virtudes do mundo antigo. Houve tempo em que o cavalheirismo era a corôa do homem, e a modestia o diadema da mulher. O egoismo veio substituir o cavalheirismo e o *chic* a modestia. Não, por que se tenham extinguido absolutamente essas esplendidas qualidades, pois tem havido e haverá sempre homens nobres e mulheres virtuosas, mas a sua diminuição é de mau agouro.

O passado produziu sómente um outro povo similhante a nós—austero, brioso, dominador e emprehendedor no paiz e no estrangeiro, colonisando e fazendo estradas em todo o mundo habil na paz e incomparavel na guerra. Os romanos eram os inglezes da antiguidade; os inglezes são os romanos modernos. Mas deve-se notar como um dos primeiros symptomas da decadencia de Roma, o facto de que as suas mulheres tão formosas pela virtude, se tinham desmoralisado. A simplicidade de vida e de costumes cedeu o logar ao luxo. A febre das commodidades substituiu o cumprimento do dever. O abuso das voluptuosidades embotou os gostos exhaustos, até que, por fim, a honra e o decoro se obliteraram, occorrendo todos os dias e amiudadas vezes, inqualificaveis horrores. S. Paulo tornou bem evidentes os costumes contemporaneos, quando disse que os seus concidadãos eram «dados a todas as obscenidades.» Se a historia tem algum valor, consiste elle em nos fazer conhecer a sabedoria e os erros do passado, para que possamos imitar aquella e repudiar estes. Se a modestia tivesse sido uma das causas da decadencia nacional, o facto repetir-se-hia agora. Mas pódem perguntar-nos:—o que é a modestia? Faremos a diligencia de mostrar o que é e o que não é. As palavras teem significações diversas. Hoje podem representar certas ideias e no futuro ou no passado terem sentido opposto. A sua significação é modificada pelo desenvolvimento da intelligencia, do uso e do sentimento. Primitivamente, «*modestia*», derivada do francez *modestie*, e esta do latim *modestia*, signignificava simplesmente medida—portanto, moderação ou temperança, como oppostas ao excesso. Gradualmente foi-se corrigindo e espiritualisando, de modo que, com quanto possa ser usada ainda em alguns casos no sentido vulgar e primitivo, denota em geral pureza de pensamento e de sentimento.

Os verdadeiramente modestos são sómente «os de coração puro», e quanto mais tendem para a perfeição, tanto maior é a medida da sua modestia. Esses abençoados tornam-se centros de influencias purificadoras, como as nascentes do Sahara depuram e restauram os viajantes fatigados e corrompidos, e criam no deserto vastos *oasis* de verdura e belleza. A affectação não é modestia, pois já alguem disse e com razão, «que os mais escrupulosos são os que teem idéas obscenas.» A castidade não é modestia, por que muitos dos que são castos, não o são por vontade propria. Póde-se ser affectado e casto, sem comtudo ser-se verdadeiramente modesto. O olhar humilde, o bom comportamento, a reserva timida, podem muitas vezes ser apenas apparencias, a simples camada de um «sepulchro branqueado». A reserva não é modestia, aliás as turcas seriam as mais modestas de todas as mulheres e, comtudo, são as mais depravadas. Eva não se cobriu com a folha da figueira, antes de ter perdido a innocencia; assim o seu sendal foi o emblema da culpa.

A pureza não tem nada a occultar. A modestia, semilhante ao amor, não suppõe o mal, mas differentemente do amor, tambem domina os maus pensamentos nos outros. Observámos uma vez umas meninas, que, inesperadamente, depararam d'uma galeria, onde havia um grupo de estatuas núas. Olharam attentamente, depois soltaram um grito e fugiram como se fossem perseguidas pelos satyros. A immodestia que as alarmou não estava nas estatuas, mas nos seus proprios pensamentos impuros. Notou o grande Flaxman que «os estudantes ao entrarem nas academias onde estudam modelo nú, parece que concentram n'elle todas as suas paixões». A familiaridade com as bellezas naturaes leva-os unicamente á mais perfeita lucidez de espirito e á purificação do gosto.

Quando Wallace, o grande naturalista, andava viajando no Amazonas, assistiu n'um logar retirado a uma dança de indios. Todos os convidados, excepto elle, estavam completamente nús. Diz elle que o mestre de ceremonias cumpriu os seus deveres com grave dignidade, e o decôro de todos os presentes podia favoravelmente comparar-se com o da mais fina sociedade n'uma sala de baile em Londres. Estas pobres creaturas iam dançar e não namorar. Nunca tinham ouvido dizer: «Honi soit qui mal y pense». Nós orgulhamo-nos de ser mais modestos do que elles. Somol-o realmente? Parece que um indio nú, não pensando na malicia, é mais innocente do que uma *bella* civilisada que se decota tanto quanto a opinião publica o permitte, que só occulta o que póde excitar.

«A irmã de S. Gregorio do Nyassa teve um cancro no seio; não consentiu que o medico a visse, e foi recompensada da sua modestia milagrosa.» Os milagres hoje em dia são inteiramente d'uma outra especie. Geramos a impureza e suppomo-nos puros. Veja-se uma *soirée* da moda: braços de neve deslumbram-nos. Os pedaços de modestia das nossas bisavós estão esquecidos e os pescoços e peitos das nossas damas estão tão nús como os das cortezãs de Carlos II. Mesmo as costas estão descobertas até quasi á cintura por um V gigantesco. E' a letra inicial da Virtude ou do Vicio?

Não lamentamos os velhos, os que o são realmente, lamentamos os moços —velhos, os *veteranos* de vinte primaveras. Mas as meninas innocentes, de 17 annos, que acabam de sahir do collegio e que teem paixões vivas e imaginação romanesca?

—Por ellas é que trememos. Quantas poderão resistir a tal prova? E com que fim são obrigadas a expôr os seus encantos em flôr aos olhares dos ousados ou dos observadores? Realçará isto a modestia virginal ou será o primeiro passo para o Averno?

A pintura, o poz d'arroz, a pasta por todos os lados, os artificios, deveriam ser desprezados pelas mulheres modestas e sinceras, e abandonados como invenções libidinosas, como realmente são. Nenhuma lei humana ou divina, prohibe ás mulheres enfeitarem-se, mas S. Paulo disse: «As mulheres podem adornar-se, mas modestamente.» Os trajos curtos não são immodestos, são asseados, saudaveis e usados em muitos paizes, mas os vestidos compridos podem ser immodestos se se usam levantados para excitar, como na época presente, com o fim de lisongear o olhar cubiçoso do transeunte. Todas estas primeiras infracções da modestia são como as primeiras libações de um ebrio, conduzem a outras e maiores. Invadem os nossos tribunaes de divorcio, infestam as ruas de mulheres perdidas, enchem myriades de lares de crime e de miseria. Todas essas pobres creaturas, dignas de lastima, que caminham com passo firme para o inferno, foram outr'ora modestas. Castas, puras, innocentes, se conservaram até que o seu primeiro acto immodesto as manchou.

«For pleasures are like poppies spread,
You seize the flower, the bloom is shed.»

Ah! minhas irmãs inconquistadas, não condemnem as que cahirem na estrada. Pode ser que tenham soffrido por causa d'outras, e que a vossa pureza tenha sido conservada á sua custa. Trabalhemos emquanto podermos e quanto em nós caiba, para levantar o nivel moral de nossas irmãs, para ajudar a deter o triste progresso do nosso sexo; combatamos os males sociaes até que se extingam; que nenhum uso seja privilegiado, nenhum prejuizo respeitado, nenhum sentimento acatado, nenhuma lei comprida quando milite contra a nossa pureza ou contra a nossa liberdade; mas acima de tudo, defendamos a modestia no seu sentido mais alto e mais elevado. Então os nossos filhos e os nossos netos abençoarnos-hão, mesmo que tenhamos de ser incluidas no «nobre exercito dos martyres.»

CARTA DE LISBOA

20 DE SETEMBRO DE 1895.

Já depois de fechada a minha costumada correspondencia, tive novas informações politicas, que passo a expôr.

No conselho de ministros tractou-se especialmente das questões da India e de Lourenço Marques, e começou-se a leitura dos projectos das reformas dos quadros da armada e da escola naval. A'cerca da India resolveu o governo obrigar os marathas a partir para Lourenço Marques sem augmento de pret, pois que sem augmento partiram os de Angola. Além d'isso foi-lhes ha pouco augmentado o pret; acresce que já se apresentaram alguns dos marathas fugitivos, cerca de 200, e que se apresentarão os restantes com a condição de não partirem; mas partirão, porque assim o exigem o prestigio, auctoridade e conveniencias publicas. Esta questão ficou arrumada.

Quanto a Lourenço Marque, o conselho tomou conhecimento de um extenso telegramma do sr. Antonio Ennes, em que se descreve o ataque ao Mahazul e Zichacha, desde a formação do cêrco até ao final do ataque. E' uma pagina guerreira. O sr. Antonio Ennes, confrontando a pequenez das nossas forças com o avultado da força dos inimigos, põe em relêvo o nosso valor, a nossa valentia e a nossa intrepidez. Esse telegramma será ámanhã publicado no *Diario*. Quanto ás reformas dos quadros da armada e da Escóla Naval, apenas se fez parte da leitura, como acima digo. O conselho occupou-se ainda da questão da pesca no Algarve. Ficou assente, dizem, que ella tem sido tratada por fórma não só a garantir-se o convenio de 1893, mas tambem a manutenção da ordem. Presumpção e agua benta...

Não se fallou alli na completação do gabinete. Como, porém, ficaram sós por algum tempo o sr. presidente do conselho e o sr. ministro do reino, parece que então os dois se occuparam do assumpto.

E' certa a entrada do sr. Luiz de Soveral para a pasta dos estrangeiros.

Este cavalheiro, apenas chegou, conferenciou com o sr. Hintze Ribeiro. A' noite foi a Cascaes, onde conferenciou com el-rei. E' certa a sua entrada no gabinete. O decreto da sua nomeação será assignado ámanhã e publicado segunda-feira no *Diario*.

Diz-se que haverá mais do que completação do gabinete, pois que sahirá o sr. ministro da justiça, passando para esta pasta o sr. ministro das obras publicas e entrando para esta o sr. José Novaes.

— Indigita-se para governador civil do Porto o sr. dr. Teixeira de Souza, governador civil de Bragança.

— Parece que o sr. conselheiro Antonio de Azevedo irá para a presidencia da Junta do Credito Publico.

— Tambem se diz que irá para a legação de Londres o sr. Emygdio Navarro. O artigo das *Novidades* de hoje, confirma esta noticia. O homem serve bem a quem lhe paga. Que ao menos não vá para o paiz dos cafres envergonhar-nos com o *azar* que teve em Pariz e que tanto nos custou.

— O sr. Hintze Ribeiro foi hontem ao ministerio dos estrangeiros. A' mesma hora desencadeava-se medonha trovoada sobre Lisboa—diz com certa graça o *Tempo*. O sr. Hintze, que é já uma desgraça como ministro, no ministerio dos estrangeiros é uma calamidade. Até os elementos são contra elle! Que fatalidade de homem!

— Sahiram da *Vanguarda*, por desintelligencias com os accionistas que constituem a empreza d'aquella folha, os srs. Alves Correia e Gaspar; hoje despediu-se o redactor, sr. França Borges, assumindo a direcção o sr. Faustino Fonseca, antigo redactor.

— A Sociedade da Cruz Vermelha recebeu do sr. general Cornelio da Silva 290$000 e de uma commissão de officiaes inferiores de caçadores 8, 62$000. Ambas estas quantias eram producto das festas realisadas em Abrantes e foram immediatamente applicadas na compra de medicamentos e dietas para as ambulancias de Lourenço Marques e Inhambane.

— Pelas 6 horas da tarde de hontem, realisou-se no hotel Matta, como fôra disposto, o banquete offerecido pelo sr. conde da Redinha ás diversas entidades legitimistas. O jantar correu animado. A' mesma hora procedeu-se á distribuição das esmolas de 500 réis a 200 pobres, na séde do Instituto 19 de Setembro. N'este instituto e na Juventude Legitimista houve sessões solemnes em que fizeram uso da palavra distinctos oradores do partido miguelista.

— Chegou hoje de Londres, vindo no *sud-express*, o sr. Luiz Soveral, até agora nosso ministro junto do governo inglez, e de hoje por deante ministro dos estrangeiros. Era esperado na *gare* pelo secretario particular do sr. presidente do conselho de ministros. Uma nova e magestosa *manifestação expontanea*, como se vê.

— E' na proxima segunda-feira que reune o conselho superior de instrucção publica para tratar ainda da questão dos livros adoptados para o ensino secundario.

— Deve seguir para Lourenço Marques, no transporte *Africa*, grande porção de material de guerra para as forças em operações n'aquella possessão ultramarina. Quanto nos tem custado esta brincadeira!

— Os productores e negociantes que pretenderem vender trigos nacionaes pelo preço da tabella em vigor devem apresentar, dentro do praso de vinte dias, no mercado central de productos agricolas, as suas amostras (pelo menos 1 litro) indicando o preço do trigo no celleiro e no mercado central e a quantidade disponivel para a venda.

— Regressam de Loanda para Lisboa, na corveta *Affonso d'Albuquerque*, os seguintes officiaes: Tenentes Vital, Martins Pereira, Costa e Portella, medico Abel, commissario Cardeira e aspirantes Goes e Machado.

— E' abonada passagem de 1.ª classe as missionarios que seguem nos transportes *Africa e India*, e de 2.ª classe aos irmãos da missão.

— O sr. ministro da guerra já não vae ao Porto, nem parece que vae ás festas do Bussaco, como se disse. Que pena, pois não acham?

— Vão partir para Faro tres medicos navaes, a fim de procederem á inspecção dos candidatos a alumnos da escola de marinheiros d'aquella cidade.

— A's 3 horas da tarde começou a chuva, havendo trovoada e cahindo tres faiscas na cidade, uma no Campo dos Martyres da Patira, outra nas Amoreiras e outra em Buenos-Ayres.

Y.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Havana, 19. — Deu se aqui um abalroamento. O capitão do vapor *Mortera* declara que logo que avistou as luzes do cruzador *Barcaiztequi*, mandou fazer dous signaes de apito, mas que as luzes do cruzador se apagaram immediatamente e em poucos momentos se deu o abalroamento. Os apparelhos de salvação foram lançados á agua n'um instante. Depois da collisão, os dous navios ficaram como cravados um no no outro. O *Mortera* fez então contra-vapor para se desprender e o cruzador foi a pique. O capitão, que fôra o ultimo a sahir de bordo, foi recolhido n'uma lancha, mas esta afundou-se no turbilhão com todos os passageiros. A extincção das luzes do cruzador foi devida á paragem da machina, a fim de salvár um marinheiro, cujo braço fôra entalado pelo dynamometro.

Mirecourt, 19. — O presidente Felix Faure, antes de começar o seu brinde, bebeu á saude do rei da Grecia e do czar. A musica tocou os hymnos grego e russo. O almoço foi de 246 talheres.

Mirecourt, 19. — Hanotaux acompanhou a Contrexeville o principe Lobanoff, e passará alli com elle o dia de ámanhã. O principe depois de estar uns vinte dias em Contrexeville, irá passar oito dias a Pariz.

Fontainebleau, 20. — O presidente Felix Faure regressou hontem a Fontainebleau.

Bordeus, 20. — Um incendio destruiu esta noite, na exposição, o pavilhão da electricidade.

Roma, 19. — Reina enorme animação n'esta capital, onde já chegaram 350 deputados. O decreto de amnistia será publicado ámanhã.

Londres, 20.—A imprensa ingleza mostra-se irritada com a presença do principe Lobanoff e do general Dragomiroff nas grandes manobras militares francezas de léste.

Haya, 19.—O ministro da fazenda apresentou á camara dos deputados o orçamento para 1896, com um *deficit* de sete milhões e meio de florins. Dentro em breve será pedido um emprestimo de quinze milhões para cobrir esse *deficit*.

Toulon, 19.—O cruzador *Lalande* recebeu ordem para ir a Marrocos.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA
285, 287, 289, 291,293—RUA DO OURO
LISBOA

ANNUNCIOS

INSPECÇÃO DAS ESCOLAS INDUSTRIAES
DA
CIRCUMSCRIPÇÃO DO NORTE

Abertura das aulas

POR esta Inspecção se faz publico que, desde o dia 20 até ao dia 29 do presente mez, em todos os dias uteis, das 11 horas da manhã ás 3 da tarde e das 6 ás 9 da noute, está aberta a matricula para os cursos professados na «Escola Industrial de Aveiro».

(a) As matriculas effectuar-se-hão em conformidade com o decreto de 5 de outubro de 1893 e com as tabellas que o acompanham.

(b) As aulas abrir-se-hão no dia 1 do proximo mez de outubro.

(c) Para todas e quaesquer indicações deverão os interessados consultar o edital e horarios affixados no atrio da respectiva escola, ou dirigir-se aos empregados da secretaria da mesma, nas horas e dias acima mencionados.

Aveiro, 17 de setembro de 1895.

O Inspector,
Antonio José Arroyo.

ARREMATAÇÃO

POR deliberação do conselho de familia e accordo dos interessados no inventario a que por este Juizo e cartorio do escrivão do 2.º officio, Barbosa de Magalhães, se procede por fallecimento de Bonifacia de Jesus, moradora, que foi, em Arada, vae á praça no dia 6 de outubro proximo, por 11 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta comarca, a fim de ser arrematado por valor superior ao da avaliação, o seguinte predio:

O dominio util d'um predio de casas terreas, aido e mais pertenças, sito no logar de Arada, avaliado em réis 79$800

Pelo presente são citados quaesquer pessoas que se julguem com direito ao producto da arrematação.

Aveiro, 14 de setembro de 1896.

Verifiquei.
O juiz de direito,
Mello.
O escrivão do 2.º officio,
Silverio Augusto Barbosa de Magalhães.

MUDANÇA DE ESCRIPTORIO

O do sr. Dr. João Carlos Freire Themudo Rangel, no Porto, mudou-se para a rua de S. João Novo, n.º 9.

TRICYCLE

VENDE-SE um solido e leve e quasi novo, por preço rasoavel. Carta a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam, Aveiro.

EDITAL

Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra, vice-presidente da Camara Municipal de Aveiro, servindo de presidente, etc.

FAÇO saber que, por deliberação da Camara Municipal d'este concelho, tomada em sua sessão de 28 de agosto ultimo, se acha aberto concurso, por 30 dias, que findam em 15 de outubro proximo, para a arrematação do fornecimento das carnes verdes n'este concelho.

As condições, devidamente approvadas, são as seguintes:

1.ª—O arrematante é obrigado a fornecer, durante um anno, a contar do primeiro do proximo mez de novembro e a findar em trinta e um de outubro de mil oitocentos e noventa e seis, todas as carnes verdes que se consumirem n'este concelho, as quaes deverão ser todas de boa qualidade.

2.ª—O arrematante terá abertos na cidade dois talhos, pelo menos, sendo um em cada freguezia, em local central, havendo em ambos o numero preciso de cortadores para o fornecimento das carnes, e devendo sempre em um dos talhos haver carne de vacca á venda, desde o nascer ao pôr do sol.

3.ª—Em ambos os talhos haverá carne de vitella á venda, nos sabbados de cada semana, pelo menos, e tanto n'esta como na carne de vacca não poderá o arrematante fornecer, com a carne, aos compradores, mais do que a quinta parte do osso.

4.ª—O arrematante é obrigado a abater as rezes no matadouro publico, sendo a carne inspeccionada pelo empregado technico d'este estabelecimento, que recusará ás que, por demasiadamente velhas ou magras, não devam ser consumidas e devendo regular o consumo por fórma que se não estrague.

A que crescer em um dia, não será vendida e será enterrada sem indemnisação alguma, quando, havendo-se procedido a um exame prévio de peritos, escolhidos pelo administrador do concelho e sendo as suas declarações reduzidas a auto, se verificar que se acha estragada.

5.ª—O arrematante é obrigado a ter em cada talho uma balança e competente jogo de pezos legaes, que serão exclusivamente destinados ao repezo feito pelos compradores e auctoridades fiscaes.

6.ª—O lanço offerecido deverá marcar os preços minimos de carne de vacca, vitella, carneiro, cabrito ou borrêgo porque o arrematante se obriga a vender cada kilogramma (como base de preço), segundo as cathegorias abaixo mencionadas:

Vacca — 1.ª cathegoria — perna, lombo do vazio, cernelha e pá do meio, sem osso, kilo... réis;

Vacca—2.ª cathegoria—a mesma, com osso, kilo... réis;

Vacca—3.ª cathegoria—peito, aba dobrada, aba do vazio e assem, kilo... réis;

Carneiro—kilo... réis;
Cabrito ou borrêgo—kilo... réis;
Vitella—kilo... réis.

7.ª—O arrematante sujeitar-se-ha a tudo o que sobre este assumpto se dispõe nas posturas municipaes em vigor, e ao pagamento dos impostos sobre a carne e ás obrigações inherentes ao serviço do matadouro; e qualquer contravenção d'estas condições soffrerá as penas da lei.

8.ª—O arrematante é obrigado a assignar escriptura de contracto d'esta arrematação, obrigando-se ás condições acima estipuladas e a dar um fiador idoneo, que com elle se obrigue pelo exacto cumprimento do mesmo, de modo que, não cumprindo, seja posta a renda de novo em praça e paga a differença que por ventura haja entre as duas arrematações.

9.ª—A Camara reserva-se o direito de não acceitar as propostas apresentadas, quando assim o intender conveniente.

E para constar se passou este e outros de egual theor, que vão ser affixados nos logares mais publicos e do costume. E eu, Firmino de Vilhena d'Almeida Maia, secretario da Camara, o subscrevi.

Aveiro e Paços do Concelho, 8 de setembro de 1895.

O vice-presidente da Camara,
Alvaro de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça.

GRANDES VIVEIROS
DE
Vinhas Americanas

Plantas proprias para todos os terrenos e todas as regiões

DE BACELLOS, BARBADOS E ENXERTOS
DE
JOÃO DA CRUZ & FERREIRA
Oliveira do Bairro — BUSTOS

SELECÇÃO perfeita em estacas, varas, barbados e enxertos, garantindo a authenticidade das variedades dos seus viveiros.

Recebem encommendas de toda a parte do paiz, para serem satisfeitas em devido tempo e á vontade do comprador, encarregando-se do seu bom acondicionamento.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Recommenda-se especialmente os bons e bem desenvolvidos barbados de

Riparia Gloria de Mont'pellier;
Riparia Grande Glalra;
Riparia Gigante Tomentosa;
Riparia Grossa Vide Negra;
Rupestriz Fortworth;
Rupestriz Monticola;
Rupestriz Gansin.

VENDE-SE

UM balseiro, bom e bem feito, para fazer vinho, que deita 8 a 10 pipas.

Tambem se vende um bonito centro de meza e duas fructeiras, tudo de jaspe, proprios para casa de jantar.

Dirigir a José da Silva Sereno —Anadia.

ARREMATAÇÃO

NO domingo, 6 de outubro proximo, pelas 11 horas da manhã, á porta do Tribunal judicial d'esta comarca, voltam pela segunda vez á praça e por metade do preço da respectiva avaliação, visto não terem tido lançados na primeira praça, os predios abaixo mencionados, penhorados aos executados José Luiz Bernardo e mulher Thereza de Jesus Duarte, do logar e freguezia d'Esgueira, na execução hypothecaria que lhes move o dr. João Cardoso Valente, casado, proprietario, de Taboeira, na qualidade de administrador da herança e cabeça de casal no inventario de seu fallecido pae, Francisco Cardoso Vallente:

Uma propriedade de casas de um andar e suas pertenças, sita na rua da Cruz, em Esgueira, avaliadas em quatro centos mil réis, mas vai á praça no valor de 200$000 réis.

Uma vinha sita na Fonte dos Carregaes, limite da Palhaça, avaliada em quarenta e cinco mil réis, mas vai á praça no valor de réis 22$500.

Uma vinha sita na Fonte da Vinheira, limite da Palhaça, avaliada em desoito mil réis, mas vai á praça no valor de 9$000 réis.

Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Aveiro, 16 de setembro de 1895.

Verifiquei.
O juiz de direito.
Mello.
O escrivão,
Arnaldo Augusto Alvares Fortuna.

AVEIRO

ANTONIO Baptista Lobo, leccionista officialmente habilitado, avisa os srs. estudantes de que vai abrir aulas de mathematica, historia e geographia e da 2.ª parte do curso de sciencias naturaes, podendo tambem ensinar francez e inglez. Tudo, segundo o plano da nova reforma da instrucção publica.

Póde ser procurado em sua casa das 10 da manhã ás 4 horas da tarde.

Póde egualmente leccionar escripturação e contabilidade commercial, por partidas simples e dobradas.

VENDA DE BOM PREDIO EM ESGUEIRA

CONVINDO as propostas, vende-se em tres lotes o predio pertencente a Manuel Antonio Loureiro de Mesquita, sito na rua dos Balcões, em Esgueira, e que consta de casas e quintas.

Quem desejar conhecer a area que corresponde a cada lote, e o que entra em cada um, dirija-se a Samuel Augusto, na mesma localidade.

Para tratar falle-se com Egberto de Magalhães Mesquita, em Aveiro.

SAL

JOSÉ EDUARDO DE CASTRO, vende na sua marinha excellente sal velho a 7:500 réis cada moio.

BOTE

VENDE-SE um muito veleiro, de excellente construcção e optimamente aparelhado. Quem o pretender dirija-se a Manuel Pereira da Cruz, rua de José Estevam, Aveiro.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da orte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

BICYCLETAS CLEMENTE

ACABAM de chegar á CASA MEMORIA, de Antonio José Alves, rua do Visconde da Luz, os ultimos modelos de 1895, tanto para passeios como para corridas.

GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇOS

Tendo a casa *Clement* resolvido este anno vender as suas machinas a preços certos, participou aos revendedores que lhes era prohibido fazer vendas por outros preços que não sejam os que estão indicados no catalogo de 1895.

N'estas condições são as machinas vendidas ao publico pelos mesmos preços, accrescendo unicamente os direitos de alfandega e mais despezas. Por esta fórma póde qualquer individuo comprar hoje uma verdadeira *Clement*, mais barata do que qualquer outra marca ordinaria!!!

Unicamente á venda na *Casa Memoria*, rua do Visconde da Luz—COIMBRA.

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das

AFAMADAS
PILULAS PURGATIVAS
do Doutor
DEHAUT
de Paris.

2f50 5f

Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o SELLO da UNION DES FABRICANTS applicado como um sello do correio é uma FALSIFICAÇÃO contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

CHA' PURGATIVO

(*Systema Chambard*)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

—(*)—

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, TISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL
126, Rua Aurea, 128
LISBOA

CENTRO COMMERCIAL VELOCIPEDICO
R. MARTINS DE CARVALHO
43 — RUA DA SOPHIA — 45
Coimbra

O maior e mais variado sortido em Velocipedes para alugar e vender. As melhores machinas do mundo para Familia, Alfaiate, Sapateiro e Corrieiro e bem assim as celebres machinas oscilantes e para fazer meia, e estas as mais completas. As vendas d'este artigo fazem-se a prestações de 500 réis semanaes. Pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Carros para passeio de creanças. Objectos electricos. Oculos e lunetas. Relogios para sala e despertadores. Concertam-se machinas, velocipedes, oculos e lunetas, instrumentos musicos, etc., etc. Responsabilidade por tudo o que sahir d'esta casa. Vendas a prestações ou a prompto pagamento com vantajosos descontos.

Encarrega-se da venda de instrumentos pelo catalogo e preços da fabrica.

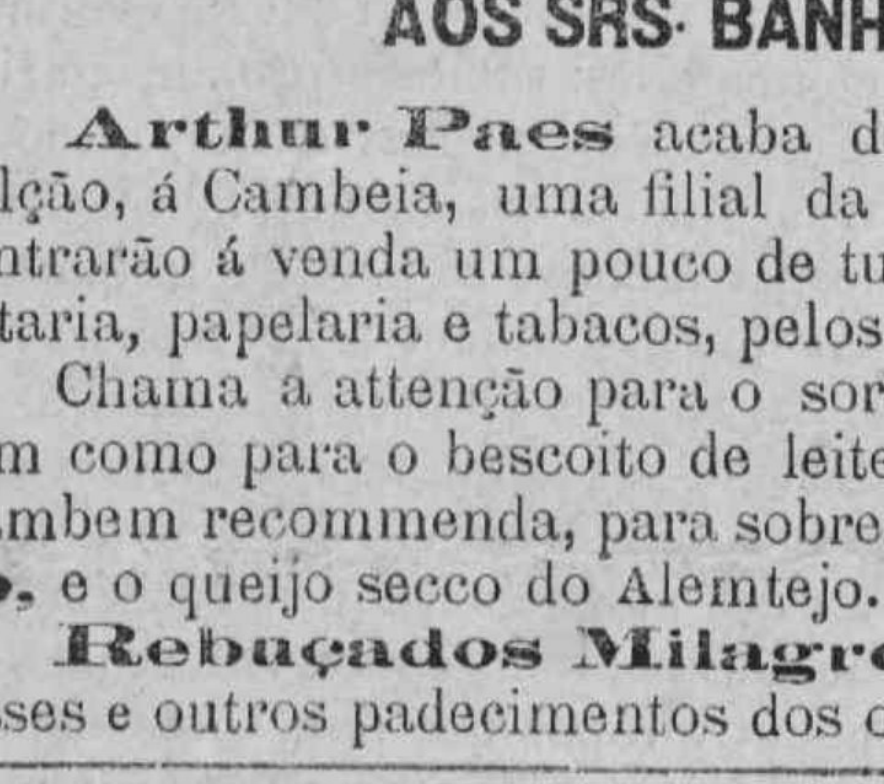
MUITA ATTENÇÃO

AOS SRS. BANHISTAS DA BARRA

Arthur Paes acaba de abrir na Barra, na antiga casa do Calção, á Cambeia, uma filial da sua loja, onde os srs. banhistas encontrarão á venda um pouco de tudo que diz respeito a mercearia, confeitaria, papelaria e tabacos, pelos preços de Aveiro.

Chama a attenção para o sortido de charutos finos estrangeiros, bem como para o bescoito de leite que tem tido uma justa acceitação. Tambem recommenda, para sobremeza, a **pera secca do Douro,** e o queijo secco do Alemtejo.

Rebuçados Milagrosos, que debelam rapidamente as tosses e outros padecimentos dos orgãos respiratorios.



EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

JEYES
PERFEITO PURIFICANTE
MARCAS REGISTRADAS

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYEIS, para desinfectar casas e atrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas.

O proprietario, estando inteiramente satisfeito da impossibilidade de que o remedio falhe, offerece-se para restituir o dinheiro, caso o doente tenha lombrigas e tenha seguido as instrucções, e o remedio não tenha dado resultado

SABONETES DE GLYCERINA

MUITO GRANDES, MARCA CASSELS

Amacia a pelle

A MELHOR QUALIDADE

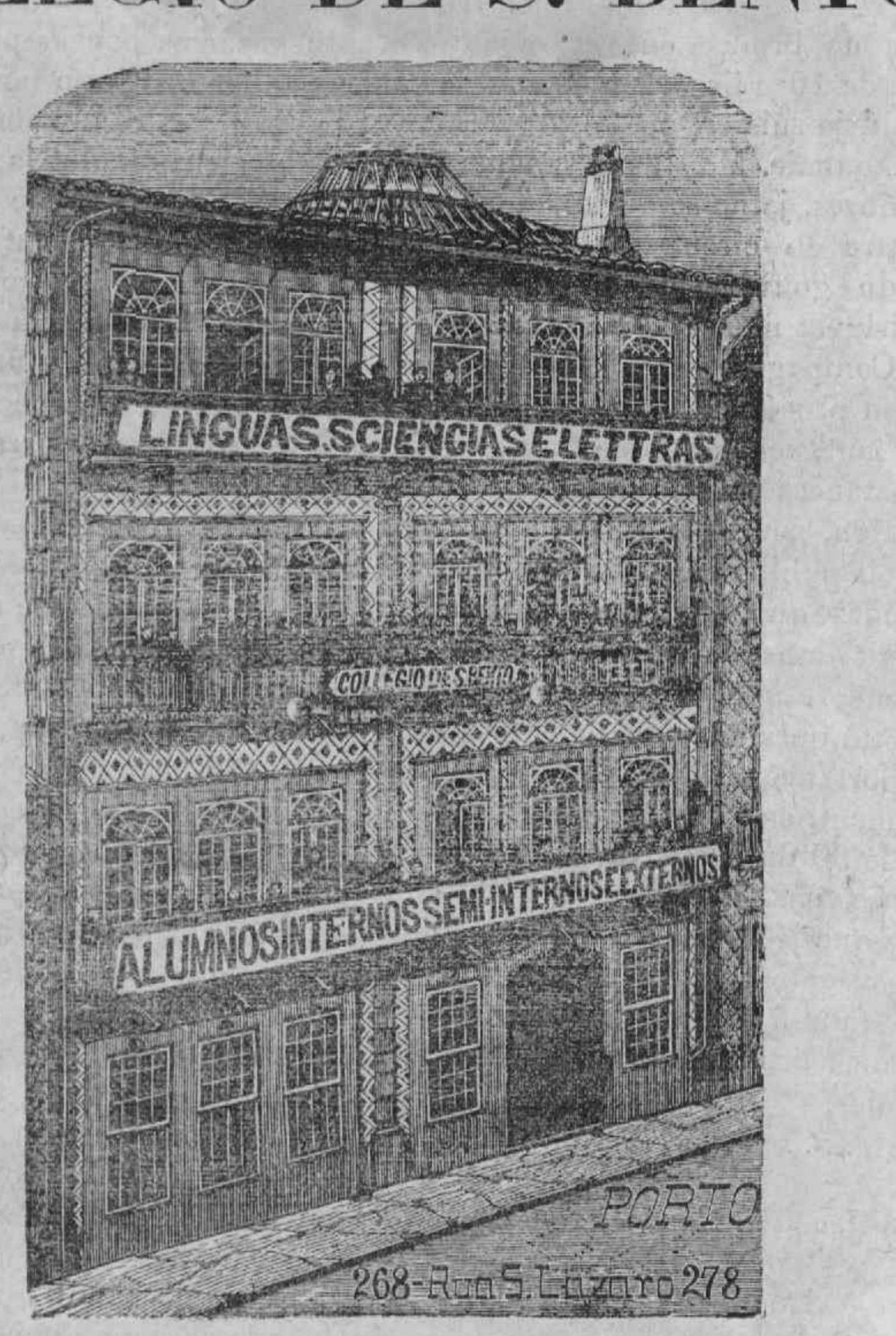
PREÇOS BARATOS

Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias.

Os representantes **James Cassels & C.ª**, rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO.

COLLEGIO DE S. BENTO

COLLEGIO DE S. BENTO


LINGUAS SCIENCIAS E LETTRAS
COLLEGIO DE S. BENTO
ALUMNOS INTERNOS SEMI-INTERNOS E EXTERNOS
PORTO
268-Rua S. Lazaro 278

268, RUA DE S. LAZARO, 278-PORTO

268, RUA DE S. LAZARO, 278—PORTO

Este importante estabelecimento, inaugurado em outubro de 1893, habilitou n'esta epoca, em differentes disciplinas, 465 alumnos, obtendo todos excellentes classificações nos seus exames.

O Collegio de S. Bento está situado n'um dos logares mais hygienicos e aprazivеis da cidade do Porto. O edificio em que está installado, é de molde a satisfazer por completo, sendo de notar que, por muitos annos, esteve n'elle installada a casa de saude do medico Ferreira.

Recebem-se alumnos internos, semi internos e externos.

Ensinam-se todas as disciplinas do Curso Complementar dos Lyceus, sendo o ensino regulado segundo o plano da ultima reforma de instrucção secundaria. Além das disciplinas que constituem o Curso Complementar dos Lyceus, ensina-se gymnastica, musica, dança, conversação franceza, e ingleza, bem como tudo o mais que exige a moderna educação.

O corpo docente é o mais escrupulosamente escolhido, quer sob o ponto de vista moral, quer sob o ponto de vista litterario. Envia-se o regulamento a quem o requisitar no escriptorio do estabelemento ao

Director,
Bento José da Costa.

GRANDES ARMAZENS DE MODAS

SOUSA BRAGA

24—PRAÇA DE CARLOS ALBERTO—30
PORTO

Acaba de receber de Paris todo o sortido de novidade para a estação de verão

Sedas de todas as qualidades para vestidos e guarnições.

Tecidos de lã e córtes para vestidos, alta phantasia.

Grande novidade em tecidos d'algodão para vestidos.

Grande novidade em tecidos lisos para vestidos.

O mais completo sortimento de confecções em renda de seda e em pannos para senhora, ultimos modelos dos principaes ateliers de Paris.

MELANGE

Tecido de lã muitissimo superior, em divesas côres, a 5$000 réis o córte de vestido com 7 metros.

Setim, novidade da estação, côres variadas e lindissimas, a 5$500 réis o córte do vestido.

(Estes tecidos são recommendaveis pela sua superioridade e pela muita novidade que offerecem).

Beije e diagonal de lã de todas as côres, a 4$000 réis o córte de vestido.

Voiles de lã estampados da mais fina qualidade, a 450 réis o metro.

Grande sortimento e grande variedade de tecidos em côres claras.

Lindissima collecção de marquesinhas, verdadeira novidade.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

CENTRO COMMERCIAL E VELOCIPEDICO

43—RUA DA SOPHIA—45
COIMBRA

O proprietario d'este Centro, tem o prazer de communicar aos distinctos velocipedistas de Portugal, que acaba de tomar a representação da Bicyclete **Raleigh,** a que mais premios tem obtido no mundo. Esta Bicyclete, é d'uma construcção elegante e solida, reunindo os mais recentes aperfeiçoamentos até hoje conhecidos. E' veloz, suave, e d'uma elegancia admiravel.

Tambem ha um deposito enorme em bicycletes d'aluguer, as quaes aluga por horas, dias, ou mezes, havendo contractos especiaes em quaesquer dos casos.

Deposito de machinas de costura para familias, alfaiates, sapateiros, e correeiros. Deposito de pianos dos melhores auctores, para alugar e vender. Artigos electricos, oculos e lunetas.

☞ Todos os artigos d'este Centro, são vendidos a prestações ou a prompto pagamento, á vontade dos dignos freguezes, devendo os contractos dos pianos serem liquidados em 36 mezes, bicycletes em 18 mezes, machinas a 500 réis semanaes. Os contractos n'este Centro são feitos com a maior lizura e sem juro de capital.

43—Rua da Sophia—45
COIMBRA

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PRAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindástes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL
MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA
Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.